Dia 28 — A Comemoração dos Fiéis Defuntos

É santo e salutar pensamento, diz-se no segundo livro dos Macabeus, rogar a Deus pelos defuntos, para que sejam livres e absolvidos de seus pecados. É pensamento santo, porque tem por princípio a fé e por principal motivo a caridade. É pensamento salutar, não só para aquelas aflitas almas por quem se aplicam os sufrágios dos fiéis, mas também para os mesmos que praticam esta grande obra de caridade e prestam tão importante serviço às almas benditas; as quais, depois que algum dia se veem livres de suas penas e tormentos, nunca poderão esquecer o que deveram a seus piedosos benfeitores.

Por isso a Igreja católica sempre teve tão impressa em seu coração esta misericordiosíssima obra que destina ao menos um dia a cada mês para oferecer o santo sacrifício da missa por estas benditas almas. Seguindo este mesmo espírito de nossa benignísima mãe, pareceu-nos conveniente escolher também um dia de cada mês nestes exercícios de piedade de todo o ano para fazer comemoração dos fiéis defuntos.

Não se deve crer que esta seja uma devoção recentemente inventada. Desde que nasceu a santa Igreja, teve o caritativo costume de rogar a Deus por todos aqueles filhos seus que alcançaram a ventura de morrer dentro de seu grêmio e em sua comunhão. Estas orações tinham dois aspectos: eram sufrágios por aqueles que deles tinham necessidade e eram ações de graças pelos que haviam obtido uma morte preciosa aos olhos do Senhor, especialmente por aqueles heróis cristãos que haviam coroado sua vida com a palma do martírio. Tertuliano faz menção destas duas espécies de comemorações naquela parte de suas obras em que trata individualmente das antigas tradições da Igreja. *Pro natalitiis annua die facimus*: cada ano celebramos, no dia da morte dos mártires, o de seu triunfo e o de seu melhor nascimento para a glória.[^1] *Ex majorum traditione, quo defunctis annua die facimus*: e, seguindo a tradição de nossos antepassados, fazemos também cada ano memória dos fiéis defuntos, oferecendo por eles o divino sacrifício.

[^1]: Tertuliano, *De corona militis*.

Esta é uma obrigação de que a santa Igreja nunca dispensou seus filhos; e, mesmo que a sagrada Escritura não fizesse memória dela, como a faz no livro dos Macabeus, bastaria, diz Santo Agostinho, a autoridade da só Igreja para nos obrigar a rogar a Deus pelos defuntos e a oferecer por eles sacrifícios e sufrágios:[^2] *In Machabæorum libris legimus oblatum pro mortuis sacrificium: sed etsi nusquam in scripturis veteribus omnino legeretur, non parva est ecclesiæ universæ, quæ in hac consuetudine claret, auctoritas; ubi in precibus sacerdotis, quæ Domino Deo ad ejus altare funduntur, locum suum habet etiam commendatio mortuorum.* (Nos livros dos Macabeus lemos que se ofereceu um sacrifício pelos mortos; mas, ainda que isso não se lesse em

parte alguma das Escrituras antigas, não é pequena a autoridade da Igreja universal, que nesse costume resplandece, pois nas orações do sacerdote, que se dirigem ao Senhor Deus junto ao seu altar, tem também o seu lugar a encomendação dos mortos.)

Não é, pois, duvidoso, diz em outro lugar o mesmo santo, que não sejam muito úteis aos defuntos as orações, os sacrifícios e as esmolas que se oferecem por eles:[^3] *Neque negandum est, defunctorum animas pietate suorum viventium relevari, cum pro illis sacrificium mediatoris offertur, vel eleemosynæ in Ecclesia fiunt.* (Nem se pode negar que as almas dos defuntos são aliviadas pela piedade dos seus que vivem, quando se oferece por elas o sacrifício do mediador ou se fazem esmolas na Igreja.) Mas, porque entre os defuntos, acrescenta Santo Agostinho, há uns que já estão gozando de Deus na pátria celestial, e estes não necessitam de nossas orações; há outros que morreram em pecado, e a estes de nada servem; e há finalmente não poucos a quem podem aproveitar, porque, embora tenham morrido em graça, ou não fizeram bastante penitência pelos pecados que cometeram, ou, ainda que tenham evitado todo pecado mortal, nem por isso deixaram de ter suas faltinhas e imperfeições, que são naturalmente inevitáveis na humana miséria; e, não podendo a Igreja discernir entre uns e outros, oferece geralmente por todos:[^4] *Non existimemus ad mortuos pervenire, nisi quod pro eis, sive altaris, sive orationum, sive eleemosynarum sacrificiis solemniter supplicamus. Quamvis non pro quibus fiunt omnibus prosint; sed iis tantum quibus dum vivunt, comparatur, ut prosint. Sed quia non discernimus qui sint, oportet pro regeneratis omnibus facere, ut nullus prætermittatur eorum ad quos hæc beneficia possint, et debeant pervenire.* (Não julguemos que chegue aos mortos senão aquilo que solenemente suplicamos por eles, seja nos sacrifícios do altar, seja nas orações, seja nas esmolas. Embora não aproveitem a todos aqueles por quem se fazem, mas só àqueles a quem, enquanto vivem, se consegue que aproveitem. Mas, como não discernimos quem são, convém fazê-lo por todos os regenerados, para que nenhum seja omitido daqueles a quem esses benefícios podem e devem chegar.) Estas missas, orações e boas obras, diz Santo Agostinho, nem sempre as aceita Deus por aqueles por quem se aplicam, mas por aqueles que, enquanto viveram, se fizeram dignos desta graça pela prática das virtudes cristãs e singularmente por sua caridade com os defuntos.

[^2]: Santo Agostinho, *De cura pro mortuis*, cap. 1. [^3]: Santo Agostinho, *Enchiridion*, 109 (o original traz “105”). [^4]: Santo Agostinho, *De cura pro mortuis*, último capítulo.

E certamente deve excitar muito nossa compaixão o lastimoso estado em que se acham as almas do purgatório. São almas justas que padecem tormentos indizíveis. Abrasa-as um fogo devorador, aceso nada menos que pela justiça de todo um Deus, e cuja atividade é de certo modo proporcionada a esta divina justiça. São almas predestinadas que estão padecendo muito mais do que pode compreender o pensamento humano, nem é capaz de conceber a mais viva imaginação. Não há com que comparar as penas do purgatório senão com as do inferno. A maior parte dos doutores afirma que em substância são as mesmas, menos tão somente a duração e o desespero. Desfazer-se-iam de compaixão tuas entranhas se visses naquele estado um desconhecido, teu maior inimigo. E não é um inimigo teu, não é um mero conhecido; é teu pai, é tua mãe, é teu amigo, é teu irmão, é teu marido, é tua mulher quem está ardendo naquelas vorazes chamas, quem está padecendo aqueles horríveis tormentos; e talvez os esteja padecendo pelo excessivo amor que te professou, pela ânsia de deixar-te muitos bens, pelo anelo de que vivesses tu com grandes comodidades. E é possível que não nos movam à lástima? Que devamos mostrar-nos

insensíveis a seus gemidos, a seus clamores, a seus penetrantes ais, quando porventura toda a ocasião de seus tormentos foi nos haverem amado em excesso?

Aquelas aflitas almas não podem satisfazer por si mesmas à divina justiça senão pagando a dívida com o último rigor; mas tu podes satisfazer por elas a pouquíssimo custo teu. Elas por si não podem merecer graça, por mais que clamem, nem por mais que padeçam, porque já não estão em estado de merecer; mas tu podes merecê-la para elas. Uma missa, uma esmola, uma visita a altares, uma mortificação, a menor boa obra que ofereças a Deus por elas, para seu alívio, para seu refrigério: tudo isso te custa muito pouco e a elas vale muito. Terás coragem, terás coração para negar-lho? Cada dia fazes mais por um estranho; e não quererás fazer este pouquinho por um pai, por uma mãe, por um amigo?

E não creias que o alívio que solicitares àquelas almas benditas seja pouco proveitoso para ti. Fica sabendo que toda a caridade que tiveres com elas a tens também contigo mesmo. Sabendo elas bem que devem a tuas orações o terem ido gozar quanto antes da glória, esquecer-se-ão acaso de ti quando estiverem bem informadas de todas as tuas necessidades, quando forem tão poderosas junto a Deus e quando sua caridade for mais pura e mais perfeita?

Além disso, não te hás de ver tu algum dia no mesmo estado que elas? Pensas morrer tão santo, tão puro, tão perfeito, haver feito tanta penitência por tuas culpas, que não tenhas que satisfazer na outra vida? E que será o mesmo expirar que ser trasladado à ditosa mansão dos bem-aventurados? Ah, são pouquíssimos os justos que se livram de passar pelo purgatório! Pois que consolo será ter no céu amigos, e amigos que nos veem nas mesmas penas de onde nós os tiramos! Sendo poderosos para aliviar-nos em tão grande necessidade, pelo crédito e pelo valimento que terão junto a Deus, como é verossímil que se façam surdos a nossos gemidos? Como se hão de mostrar insensíveis a nossos tormentos? E aquele grande Deus das misericórdias, que sabe muito bem a caridade que tivemos com as almas do purgatório, deixará de aplicar-nos as boas obras de nossos parentes, de nossos amigos e as orações da Igreja? E mais, quando tantas vezes nos assegura no Evangelho que a misericórdia se reserva para aqueles que a fazem, e que com a medida com que medirmos seremos medidos. Confessemos, pois, que ninguém pode ser duro com as almas do purgatório sem sê-lo consigo mesmo; e que, além do motivo da caridade cristã, é interesse e proveito próprio nosso fazer muitos sufrágios pelos defuntos.

Esta é uma das práticas mais antigas e dos costumes mais constantes da Igreja. Há poucas semanas em que, nos dias de semana, não aplique alguns sufrágios por eles; na maior parte das ordens religiosas algo antigas, sempre que se reza de feria, ordinariamente reza-se também o ofício dos defuntos. Por uma devoção tão proveitosa e por uma obra de tanta caridade escolhemos para a comemoração dos defuntos este dia, o único em todo o mês que está isento de alguma festa particular.[^5] A comemoração que se faz de Santa Inês não impede que se possa celebrar a missa de defuntos, especialmente se este dia cair numa segunda-feira.

[^5]: Na Espanha reza-se hoje de São Julião, bispo de Cuenca, duplo de segunda classe.

Missa (oração)

A missa é a cotidiana de defuntos, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Fidelium Deus omnium conditor, et redemptor, animabus famulorum famularumque tuarum, remissionem cunctorum tribue peccatorum; ut indulgentiam, quam semper optaverunt, piis supplicationibus consequantur. Qui vivis et regnas...*

Português: Ó Deus, Criador e Redentor de todos os fiéis, concedei às almas de vossos servos e servas a remissão de todos os seus pecados, para que obtenham, pelas piedosas orações de vossa Igreja, o perdão que sempre desejaram. Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é do capítulo 14 do Apocalipse.

Apocalipse 14,13

> **Latim:** 13 Et audivi vocem de cælo, dicentem mihi : Scribe : Beati mortui qui in Domino moriuntur. Amodo jam dicit Spiritus, ut requiescant a laboribus suis : opera enim illorum sequuntur illos.

Português: 13 Então ouvi eu huma voz do ceo, que me dizia: Escreve: Bemaventurados os mortos, que morrem no Senhor. De hoje em diante, diz o Espirito, que descancem dos seus trabalhos, porque as obras d’elles os seguem.

Nota

« Já foi dito que o Apocalipse é o livro onde se contêm as misteriosas visões que São João teve na ilha de Patmos, aonde foi desterrado pela fé. O capítulo 14, de onde se tira esta epístola, fala do juízo final e da bem-aventurança eterna de todos os predestinados. »

Reflexões

Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor. E certamente, sem esta bem-aventurança, de que servem todas as demais? Morrer no Senhor é morrer predestinado, é morrer em sua graça, é morrer como morreram os santos; é entrar no gozo do Senhor para nunca sair dele, é tomar posse do próprio Deus.

Toda a vida nos é dada unicamente para dispor-nos a alcançar uma tal morte; mas ocupamo-nos muito nesta disposição durante a vida? De que serve ao homem ter vivido com as maiores comodidades, com o maior brilho? De que lhe serve ter possuído riquíssimos tesouros, ter ganho todo o mundo, se ao fim se perde? E que equivalente poderá encontrar de sua alma? Ah, ditoso aquele que morre no Senhor! Então já não há riscos a evitar, já não há inimigos a temer, já não há trabalhos, não há desgraça de que se recear.

Então cada qual fez já sua fortuna, sem susto de reveses, sem medo de competidores, sem receio de invejosos. Já se chegou felizmente ao porto, onde não se temem nem ventos, nem piratas, nem tempestades. Dores, tristezas, enfermidades, inquietudes, pesares, sobressaltos: tudo está para sempre desterrado da mansão feliz dos bem-aventurados. Não se dá entrada naquela santa cidade a coisa alguma que entristeça; uma alegria pura e plena, uma paz e uma calma inalterável, uma glória real e superabundante: isso é o que reina naquela ditosa pátria, em cuja posse se entra por meio desta preciosa morte. E é possível que, enquanto se vive, se trabalhe ou se pense em alguma outra fortuna!

A morte santa é fruto de uma santa vida. Custe embora o que custar o viver cristãmente; seja dolorosa e amarga a mortificação e penitência; sofra-se, padeça-se infinito em violentar-se; sejam os trabalhos grandes, prolongados, contínuos: não haverá lugar para descansar deles por toda uma eternidade? E não nos indenizará, não nos recompensará abundantemente de todas as nossas fadigas este eterno descanso? Compreende, se podes, a grande desdita que é não morrer no Senhor.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 6 de São João.

João 6,51-55

> **Latim:** 51 Ego sum panis vivus, qui de cælo descendi. 52 Si quis manducaverit ex hoc pane, vivet in æternum : et panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita. 53 Litigabant ergo Judæi ad invicem, dicentes : Quomodo potest hic

> nobis carnem suam dare ad manducandum ? [54] Dixit ergo eis Jesus : Amen, amen dico vobis : nisi manducaveritis carnem Filii hominis, et biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis. [55] Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, habet vitam æternam : et ego resuscitabo eum in novissimo die.

Português: [51] Eu sou o pão vivo, que desci do ceo. [52] Se qualquer comer d'este pão, viverá eternamente: e o pão, que eu darei, he a minha carne, para ser a vida do mundo. [53] Disputavão pois entre si os Judeos, dizendo: Como póde este dar-nos a comer a sua carne? [54] E Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo: Senão comerdes a carne do Filho do homem, e beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós. [55] O que come a minha carne, e bebe o meu sangue, tem a vida eterna: e eu o resuscitarei no ultimo dia.

Meditação

A morte é doce para os bons e terrível para os maus

Primeiro ponto

Considera que é coisa tão natural que uma boa vida tenha por fim uma boa morte, e que uma vida desregrada termine numa morte funesta, como é natural que uma árvore boa produza bons frutos e uma árvore má produza maus frutos. A morte é eco da vida, isto é, corresponde perfeitamente a ela; ou, por dizê-lo de outra maneira, aquilo que o homem for na vida, isso será na morte.

Não seria grande extravagância esperar que aquele que nunca soube falar, enquanto viveu, outra língua que a de seu país fale na hora da morte uma língua estrangeira? Toda a vida se fez profissão de mundano, de libertino e de irreligioso, e espera-se morrer como cristão: será esta, porventura, menor extravagância?

Se talvez sucede que algum pecador alcance boa morte, não será uma espécie de milagre? Não o têm por tal até os homens mais relaxados? E que consolo, meu Deus, não se poder alguém salvar senão por milagre! Os dissolutos não devem contar com este gênero de milagres para conseguir sua salvação, mais do que podem contar os enfermos com curas milagrosas para alcançar a saúde.

É necessário morrer: terrível sentença! Mas já está pronunciada, e é irrevogável. É necessário morrer. Oh, que palavra tão espantosa para um homem que jamais pensou na morte, que toda a vida teve horror de pensar nela, e para quem só o lembrar-se dela servia de intolerável suplício! Que perturbação, que desordem não causam na alma de um pecador os cruéis remorsos que brotam ao ouvir esta palavra! Porque então é quando se sente toda a sua amargura, quando se penetra todo o seu sentido.

É necessário morrer; isto é, é necessário deixar os bens, a casa, os empregos, os amigos; é necessário despedir-se para sempre de todos os gostos desta vida; é necessário ir comparecer diante do tribunal de Deus para dar-lhe conta dos desejos e das ações. Quantas coisas se hão de deixar! Quantas se hão de chorar! Quantas se hão de dispor! Quantas se hão de recear! E para tudo isso não resta mais que um momento de tempo. O processo já está formado; e dentro de nossa própria consciência estão as provas peremptórias de todos os fatos. Deus irritado está a ponto de pronunciar a sentença e de vingar-se por si mesmo de todos os insultos. O mesmo pecado, sim, o mesmo pecado que antes tinha tantos atrativos, já é um monstro que se levanta contra o pecador: *Peccatum meum contra me.* Ó morte dos pecadores, e quão funesta és! A memória do passado espanta, a vista do presente consome, o temor do futuro desespera. Ó morte dos pecadores! Terrível morte! Morte cruel, que só equivale a um inferno!

Segundo ponto

Considera que gozo, que consolo causa a notícia de se haver ganho uma demanda de importância; de se haver levantado a sentença de um longo e penoso desterro; de se haver conseguido uma vitória completa que assegura uma coroa: pois tudo isso se acha, tudo se sente, tudo se experimenta na morte dos justos, e cem vezes mais que tudo isso. Com ela se põe fim a um tristíssimo desterro; com ela se rompe uma perpétua cadeia de males; com ela expira uma contínua vicissitude ou alternativa de escolhos, de temores, de perigos; com ela se fecha para sempre um manancial perene de inquietudes, de sustos, de sobressaltos; com ela começa uma felicidade pura, plena, superabundante, eterna, interminável.

As almas dos justos estão nas mãos de Deus, e o tormento da morte não as afligirá. Se Deus nos tem em suas mãos, se Deus nos leva nelas, de que podemos temer? O que torna terrível a morte é a vista de um Deus irado; e só o próprio Deus pode torná-la doce. Sempre morre contente quem morre como santo.

Quando não se ama a vida, deixa-se sem dor; quando se pensa que o morrer é princípio de uma vida eterna, morre-se com prazer. Quem amou e ama a Deus poderá temer muito cair em suas mãos; e mais estando certo de que, se o ama, é também ternamente correspondido pelo mesmo Deus?

Não nos dá Jesus Cristo seu precioso corpo e seu precioso sangue somente para alimentar-nos; dá-no-lo também para fazer-nos viver eternamente; e o princípio desta vida eterna é a morte temporal.

Quanto consola a uma alma justa a memória do passado! Quanto a alegra a vista do presente! Quanto a anima a esperança do futuro! A esperança, digo, das misericórdias do Senhor, que está para receber; da eterna bem-aventurança, que já está para gozar. A morte dos justos é como um prelúdio da glória eterna.

Na verdade, a alma mais santa tem justo motivo para temer à vista de seus pecados; mas também a anima maravilhosamente a vista do crucifixo. As orações da Igreja, a intercessão dos santos e

sobretudo a da Rainha dos mesmos santos, a própria vista de Jesus Cristo inspira aos justos naquele último momento uma confiança tão grande na misericórdia divina que nem a tentação a derruba, nem a perturbação a ofusca, nem o horror natural da morte é capaz de fazê-los titubear.

Ó bom Deus, que diferença tão grande entre a morte dos justos e a morte dos ímpios! Mas a opção entre estas duas mortes é preciso fazê-la em vida.

Coisa estranha! Todos louvamos muito os santos, todos veneramos muito os santos; pois quando imitaremos seus exemplos? Estarei eu muito satisfeito, meu Deus, só por me haver contentado em venerá-los, em louvá-los, sem nunca me haver aplicado ao empenho de segui-los? E os próprios santos, teriam sido santos se se tivessem contentado em viver como eu vivo?

Não permitais, Senhor, que estas reflexões me sirvam de nova matéria de dor naquela última hora; e que, quando estou pedindo por aquelas almas que estão padecendo penas tão terríveis por faltas tão leves, deixe eu de fazer esta penitência salutar que, embora tão curta, pode, por vossa misericórdia, livrar-me de tão cruéis tormentos.

Jaculatórias

> *Beati qui in Domino moriuntur.* Ap 14.

Bem-aventurados aqueles que morrem no Senhor.

> *Moriatur anima mea morte justorum, et fiant novissima mea horum similia.* Nm 23.

Tenha eu, Senhor, a ventura de morrer como morrem os justos, e seja meu fim semelhante ao deles.

Propósitos

1. Examina como cumpriste até agora a obrigação que tens para com as almas do purgatório. Nele terás pais, amigos e parentes; todos os fiéis que se acham naquelas penas são irmãos teus: que fizeste para aliviá-los? Meios não te faltam. Aquele pai que te criou com tanto desvelo, aquela mãe que te amou com tanta ternura e que talvez agora estejam padecendo unicamente por terem te amado demais: esses estão ardendo depois de sua morte naquelas abrasadoras chamas e agora imploram teu socorro. Aqueles mesmos que te deixaram tão grandes bens, aqueles amigos que te

fizeram serviços tão importantes, todas aquelas almas atormentadas e aflitas, muitas delas profundamente abandonadas e esquecidas de todo o mundo, todas clamam, todas gritam, todas levantam as mãos e os olhos para ti, dizendo-te enternecidas: *Miseremini mei saltem vos amici mei, quia manus Domini tetigit me*: Vós que, quando vivíamos, vos mostrastes tão amigos nossos; vós que agora nos podeis fazer tanto bem a pouquíssimo custo vosso, compadecei-vos de nós, tende misericórdia de nós. Examina, pois, neste dia o que fizeste por aquelas benditas almas: que orações, que esmolas, que boas obras, quantas missas mandaste dizer por seu alívio. Cumpriste os legados pios que elas deixaram e cujo cumprimento tens a teu cargo? Restituíste tudo o que deve tua herança? Oh, quantas almas estão penando no purgatório pela dureza e pela avareza de seus filhos e herdeiros! Que crueldade! Que pecado! Não deixes passar este dia sem cumprir uma obrigação tão estreita e tão importante.

2. Impõe-te como uma lei que não se te passe dia algum sem fazer particular oração pelas almas do purgatório, ainda que não seja mais que rezar o *De profundis*. Se podes, manda dizer hoje uma missa; e, se não, ouve-a ao menos pelas mesmas benditas almas. Todas as boas obras que hoje fizeres, todas as esmolas que deres, sejam por seu alívio. É devoção muito louvável terminar o rosário e as demais devoções, ou o ofício divino, os que têm obrigação de rezá-lo, com alguma oração pelos defuntos. A caridade que se tem com aquelas ditosas encarceradas é meio eficacíssimo para morrer com a morte dos justos. Dificilmente se encontrará povo algum onde não esteja concedida cada mês alguma indulgência pelos defuntos; nunca deixes de fazer quanto puderes para ganhar-lhes esta indulgência. O zelo que tiveres por aquelas almas aflitas sempre te servirá de grandíssimo proveito. Algum dia terás tu necessidade dos sufrágios dos fiéis; pois usa agora da maior caridade com as almas do purgatório, se queres que Deus então te aplique as orações e as boas obras que outros ofereceram por elas. E que felicidade, que consolo será o teu se tiveres a ventura de libertar, de aliviar, ainda que seja só uma destas benditas almas! Que não poderás esperar dela logo que se veja gozando da presença de Deus no céu! Dá todos os dias, se podes, uma esmola pelas almas do purgatório e reza uma vez cada mês o ofício dos defuntos.

São Julião, Bispo de Cuenca

São Julião, bispo e padroeiro de Cuenca, ornamento da Igreja, honra imortal da Espanha e glória da cidade de Burgos, nasceu nela no ano de 1128. Sua concepção teve muitos sinais de milagrosa, ou ao menos se deveu mais às orações de seus piedosos pais que aos esforços regulares da natureza. Contavam muitos anos de casados sem o consolo de sucessão nem esperança de tê-la: recorreram ao céu com fervorosas súplicas e foram atendidos seus desejos. Ficou grávida sua mãe; e um sonho que teve o pai de Julião por este tempo o pôs em expectativa e, sem deixar de dar-lhe algum cuidado, sua inclinação todavia pendia a interpretá-lo como mistério. Representou-lhe uma noite a fantasia que ardia em vivas chamas o seu quarto e que, sem reparar no incêndio, iam ocupando todo ele aves noturnas, animais escuros e feias bestinhas que, com seus ingratos uivos e seu tedioso aspecto, eram horror dos olhos e tormento dos ouvidos. Mas notou que, saindo de sua mulher um formoso cachorrinho, mais branco que a própria neve, mudou o voraz incêndio do quarto em um inocente resplendor, com as brilhantes e lucidíssimas centelhas que despedia pelos

olhos e pela boca, ao mesmo tempo que com seus aprazíveis latidos desembaraçou a peça de tantos animais imundos e, feito isto, voltou o terno cachorro a refugiar-se em seu albergue. Despertou, comunicou o sonho à mulher e, concordando ambos em que eram espécies demasiado ordenadas para que as enlaçasse a casual desordem da imaginação, neutros entre a confiança e o susto, esperaram que o tempo esclarecesse seu significado.

Só tardaram em entendê-lo o que tardou o menino em nascer. Logo que viu a luz, levantou o tenro bracinho e deu a bênção aos circunstantes, como o fazem os bispos quando abençoam o povo. Ao assombro que causou esta maravilha seguiram-se imediatamente outras duas, que foram ao mesmo tempo interpretação do misterioso sonho e explicação da primeira. No mesmo dia em que batizaram o menino, ouviu-se no ar uma suavíssima música de anjos que cantavam este motete: hoje nasceu um menino que em graça não tem par; e ao mesmo tempo em que o estavam batizando, deixou-se ver sobre a pia um anjo em figura de um menino formoso e corpulento, com uma mitra na cabeça e um báculo pastoral na mão, que dizia: Julião há de ser o seu nome. Esta continuação de prodígios poderia chamar-se, mais ainda que vaticínios, história do futuro, ou notícia pontual do que Julião havia de ser.

Poupou a seus devotos pais o cuidado da educação, porque, desde que foi capaz dela, mostrou que não a necessitava. Prevenido com muita antecipação pela divina graça, começou a ser santo antes de ser homem e, quando apenas despontava em seu entendimento o uso da razão, já era muito conhecido em sua inocente alma o uso da virtude. Menino nos anos e maduro nos costumes, castigava em seu terno corpo a inocência, como se tomasse vingança da malícia. Ainda não sabia pecar e já sabia jejuar, fazendo-o três dias por semana, com tanto rigor como se castigasse desordens da gula quem apenas havia aprendido a comer. Desconheceu inteiramente as travessuras da infância, e todos os seus jogos se reduziam a retirar-se por longos períodos e rezar com terna devoção muitas orações que tinha assinaladas para cada dia.

Corresponderam seus progressos no estudo das letras a seus adiantamentos na ciência dos santos. Fez-se senhor da latinidade, das artes liberais e da sagrada teologia, com tanta rapidez e tanta facilidade que mereceu passar de discípulo a mestre, ensinando esta última faculdade com tanto crédito de sua sabedoria como conceito de sua elevada virtude. Morreram seus pais nessa ocasião e, deixando-o herdeiro de um honrado patrimônio, não faltaram amigos que lhe aconselhassem que seguisse o exemplo dos que lhe haviam dado o ser, abraçando o mesmo estado, para perpetuar em sua descendência os bens que possuía. Desprezou uns conselhos em que tinha mais parte o espírito do mundo que o espírito do Evangelho e resolveu conservar perpetuamente intacta sua virginal pureza, para que fosse mais grata ao Senhor a entrega que já lhe havia feito de todo o seu coração.

Com este espírito de devoção e de recolhimento construiu uma humilde casinha, encostada por uma parte ao convento de Santo Agostinho e por outra a uma ermida que havia sido habitação de São Domingo de Silos, para que uma e outra vizinhança fomentassem o retiro e fossem incentivo a seu fervor. O exemplo dos religiosos avivava nele a devoção; e a memória do milagroso ermitão acendia mais e mais em seu coração o amor à solidão.

Não devia bastar este sinal aos que o importunavam para que se casasse, a fim de que conhecessem que eram muito distintos seus santos pensamentos; e talvez com o fim de que lhes entrasse pelos olhos o desengano, manifestando com as obras que já havia tomado seu partido, recebeu as quatro primeiras ordens, mas sem querer passar delas até haver recolhido mais cabedal de devoção e de virtude, persuadida sua humildade de que ainda lhe faltava muito para o que pedia a sublime dignidade do sacerdócio. Foi por fim promovido a ela e, com a nova dignidade, se não se viu em Julião outro homem novo, fez-se ao menos muito perceptível a todos uma palpável renovação de fervor.

Parecendo-lhe que podia ser tibieza no sacerdote o que era devoção no secular, entregou-se total e absolutamente à oração, ao estudo e ao retiro. Celebrava cada dia o santo sacrifício da missa no altar de um devoto e milagroso crucifixo, com tanto recolhimento, tanta compostura, tanta gravidade e tanta devoção que a comunicava a todos os assistentes; de maneira que os que entravam no templo indevotos, só de vê-lo celebrar reconheciam-se compostos e saíam compungidos. As doces lágrimas que se desprendiam de seus olhos eram de ternura sem deixar de ser de devoção; e, dando-se por entendidos os corações dos que as observavam, faziam devota companhia as que se derramavam na igreja às que se vertiam no altar.

Dali se retirava a seu quarto: todo o tempo que não dedicava à oração empregava-o no estudo da sagrada Escritura e na atenta leitura dos santos padres e doutores da Igreja, negando-se absolutamente à leitura de autores profanos; persuadido de que esta espécie de erudição, em quem não tem obrigação de dedicar-se a ela por instinto ou por ministério particular, se não desdiz da santidade do sacerdócio, contribui pouco para aperfeiçoá-la e, quando não dissipe o espírito, ao menos o resseca. Não havia que falar-lhe de negócios puramente seculares, pois, não pertencendo direta ou indiretamente à salvação das almas ou ao bem espiritual de seus próximos, não só se negava resolutamente a seus ofícios, mas também a sua notícia. Pronto, expedito, ativo e sempre eficaz nos primeiros, fazia-se de todo surdo aos segundos, sendo de parecer que o sacerdote deve ser continuamente mediador entre Deus e o povo, mas nunca entre o povo, o interesse, a ambição, a conveniência ou a cobiça.

Estimulado pelo zelo e pela obrigação a que o empenhava seu estado, quando se achou com suficiente cabedal de doutrina, para não estancar as águas que tinha recolhidas em sua cisterna, derivadas da fonte do Salvador, determinou comunicá-las aos povos pelo ministério da pregação. Deu princípio a ele pregando nas aldeias ou povoações reduzidas dos arredores de Burgos. O fruto correspondeu à solidez dos sermões, à pureza da intenção e à santidade do pregador. Invejosa, com santa emulação, a mesma cidade de Burgos de que os estranhos, por assim dizer, comessem sua substância, deu a entender a Julião que pediam a razão, a justiça e a obrigação que o zelo começasse pelos próprios; e, como nele era acanhamento e desconfiança o que parecia estranheza, rendeu-se facilmente aos desejos de seus concidadãos. Começou a pregar nas igrejas da cidade, e desde logo se conheceu que eram estreito teatro para as multidões as mais capazes igrejas. O aplauso foi sem igual, mas não foi estéril. Ao número das multidões correspondia o número das conversões; e, quando todos saíam de seus sermões dizendo que nunca havia falado assim nenhum outro homem, acreditavam suas lágrimas, seus soluços e a mudança dos costumes a verdade do que diziam. Sem esta verdadeira prova, os maiores aplausos dos pregadores são estrondo da língua e folhagem dos ouvidos, à custa do bom juízo e sem notícia do coração.

Estendida por toda a Espanha cristã a fama do novo pregador, foram muitas as províncias que o desejaram e muitas também as que o ouviram, experimentando com a geral reforma que a fama era menor que seu mérito e que aquela voz que costuma cobrar mais forças quanto mais caminha havia chegado, com efeito, algo cansada a seus ouvidos.

Experimentou-o assim a santa igreja de Toledo e, ansiosa de aumentar seu esplendor com aquela brilhante tocha, como também de desfrutar mais de assento sua doutrina, seu zelo apostólico e seus exemplos, desejou, solicitou e conseguiu fazê-lo prebendado seu, com a sobressalente dignidade de arcediago. Foi Julião modelo de arcediagos, como o havia sido de sacerdotes e de pregadores. O coro, os pobres, a vigilância sobre os costumes, a proteção das viúvas, o amparo dos órfãos, seus costumados sermões, o estar pronto para servir o prelado sempre que este implorava as funções de seu ministério, sendo o olho e a mão direita do bispo, segundo a expressão dos sagrados cânones: estes foram os contínuos exercícios de nosso santo arcediago, tão distante de representar a nova dignidade com diferente aparato que nunca se considerou mais obrigado a deixar-se ver em sua casa e em público com mais humildade, com maior moderação, nem com mais pobre decência.

Afonso VII, rei de Castela, auxiliado pelo rei de Aragão, havia conquistado poucos anos antes a cidade de Cuenca, restituindo-a a seu legítimo domínio, depois de ter sofrido a tirânica dos sarracenos. Morto Dom João Yáñez, seu primeiro bispo depois da conquista, julgou o rei que não podia apresentar para aquela sé homem mais benemérito que nosso arcediago de Toledo. Sobressaltou-se extremamente a modéstia de Julião quando entendeu a resolução do monarca; representou, insistiu, suplicou, chorou e protestou a falta de virtude, de talentos e de forças; mas foi-lhe preciso obedecer, sendo sua mesma resistência o melhor testemunho do acerto e o fiador mais seguro da eleição.

Consagrado já bispo, teve pouco que fazer para dispor sua família. Reduzia-se toda ela a um só criado que lhe servia de pajem, de capelão, de esmoler, de mordomo e de secretário. Chamava-se este Lesmes, homem em tudo tão parecido com seu amo que rendeu a vida a serviço da caridade e mereceu da igreja de Burgos, onde recebe culto seu corpo, a veneração de santo. Com esta comitiva dirigiu-se Julião a seu bispado e entrou a pé na cidade de Cuenca, sem admitir outro recebimento que o que lhe fizeram (e ele não podia evitar) as ânsias dos pobres, as esperanças dos órfãos e os suspiros dos necessitados.

Excedeu com muitas vantagens toda a sua expectativa. Declarou desde logo que não se interessaria nem por um só maravedi das rendas de seu bispado, e cumpriu à letra o que declarou. Dedicou-as todas, até o último centavo, ao sustento dos pobres, ao resgate dos cativos, a dar estado às órfãs desamparadas, a satisfazer dívidas dos encarcerados, a socorrer hospitais, a erigir e dotar outros novos e a diferentes pias fundações, cuja memória subsiste hoje naquela cidade, onde parece que deixou a caridade como em herança e a misericórdia como fruto da terra ou como temperamento do clima. Entretanto o bispo e seu capelão, à imitação de São Paulo, sustentavam-se com o trabalho de suas mãos, fazendo cestinhas que vendiam para alimentar-se, e lhes sobrava muito do produto, que se agregava à soma dos pobres, porque para jejuar os dois necessitavam de pouco dinheiro. Era grande a saída dessas cestinhas, porque em cada uma delas levavam os compradores um seguro depósito de milagres, como se experimentou numa furiosa pestilência que

afligiu no tempo do santo bispo a cidade, na qual nenhum enfermo as tocou sem encontrar nelas a saúde: prodígio que, ainda depois de morto o santo, se experimentou por largo tempo em muitas enfermidades, suprindo as cestinhas de São Julião o que faltava ao acerto dos médicos ou à eficácia dos remédios.

Não podia esquecer das obras de misericórdia espirituais quem com tanto esmero se dedicava ao exercício das corporais; e era preciso que em seu apostólico zelo ocupassem o primeiro lugar as necessidades da alma, quando tanto se faziam em sua caritativa compaixão as diligências do corpo. Estava ainda muito recente na diocese de Cuenca a memória dos infiéis que a haviam tiranizado, para que ainda não se conservassem muitas pegadas que a mistura dos mouros havia estampado nos costumes dos cristãos: para apagá-las de todo, visitava Julião indefectivelmente cada ano seu bispado, e era cada visita não simplesmente uma reforma, mas uma visível transformação dos povos. Persuadido de que, ajustado o modelo da grei nos eclesiásticos, sairia sem defeitos a fundição do rebanho, dedicava-se principalmente à boa formação daqueles: compadecia-se dos fracos, abatia o orgulho dos indóceis, castigava os obstinados e nunca dava quartel aos escandalosos; mas com todos preferia os suaves meios da doçura às severidades do rigor e, quando lançava mão destas, dava bem a entender que a aspereza da medicina não era desabrimento do médico, mas maliciosa rebeldia da enfermidade. Com este método conseguiu em breve tempo que o clero da diocese de Cuenca fosse como um animado exemplar a todo o clero da Espanha; e, para conservar na sua os frutos da reforma, punha o maior cuidado em não conferir as ordens a sujeito algum cujos exemplares costumes não legitimassem a pureza da vocação e não prognosticassem o desempenho do estado, sendo de parecer que raras vezes se faz um eclesiástico ajustado de um secular escandaloso.

Além das exortações públicas que fazia no tempo da visita, quando se retirava à capital, pregava todas as semanas aos muitos infiéis que havia ainda dentro dela; e, para que se estendesse o mesmo benefício aos muitos mais que estavam espalhados em todo o bispado, ia de povo em povo exercitando o mesmo ministério, com o que fazia inumeráveis conquistas para Jesus Cristo, desterrando o Alcorão e introduzindo o Evangelho; e ao mesmo tempo em que alumiava a cegueira dos mouros com as luzes da fé, movia a dureza dos cristãos à reforma de vida.

Mas nenhuma coisa lhe ganhou mais os corações de todas as suas ovelhas que aquelas entranhas de misericórdia com que se desfazia em benefício delas o liberalíssimo pastor. Esta inesgotável caridade, que foi seu verdadeiro caráter, mereceu-lhe inumeráveis favores do céu e foi acreditada com outros tantos prodígios. Em certa ocasião teve por convidado na casa dos pobres ao mesmo Jesus Cristo, que lhe agradeceu o que fazia por eles, honrando-o com o título de bom amigo seu e prometendo-lhe em prêmio a eterna bem-aventurança. Em outra, viu repentinamente cheio de trigo seu celeiro para socorrer certa necessidade, sendo assim que, reconhecido um pouco antes, achava-se sem um grão. Em outra, viu-se entrar pela cidade uma milagrosa récua carregada de grãos, sem guia nem condutor, que se dirigiu ao palácio do bispo e, deixando cair os sacos, desapareceu sem poder-se averiguar quem a havia conduzido. Deu ordem o santo a seu fiel criado Lesmes que no ato repartisse todo aquele trigo entre os pobres, proporcionando a distribuição à necessidade de cada um. Fê-lo Lesmes com tanto zelo e tanta atividade que rendeu a vida ao excesso do trabalho: mártir da caridade, que morreu de fadiga para que outros não perecessem.

Claro está que o inimigo da salvação não havia de olhar com indiferença aquele varão de misericórdia, cujas obras eram tão gratas aos olhos do Senhor. Armou-lhe todo gênero de laços para derrubá-lo. Num dos muitos dias em que jejuava a pão e água, foi Julião sentar-se à mesa, cujo aparato se reduzia a um pobre guardanapo sobre uma tosca tábua. Encontrou nela uma formosa truta de umas três libras, cuja frescura era capaz de despertar o mais adormecido apetite. Surpreendeu-se o bispo; perguntou a seu criado quem a havia posto ali; respondeu com verdade que não o sabia e, suspeitando Julião do artifício do inimigo comum, foi pegá-la para lançá-la num poço, e a truta desapareceu, ficando descoberto o laço.

Estando o santo rezando em outra ocasião com o recolhimento que costumava, entrou um homem em seu quarto carregado de sacos de moeda e, sem olhá-lo, para não interromper sua devoção, crendo que seria o mordomo, perguntou-lhe: Que trazeis aí? Senhor, o dinheiro das rendas, respondeu o homem aparente. Não ignorava Julião que todas as devidas estavam já bem gastas; mas, persuadindo-se de que podia ser alguma daquelas milagrosas providências a que estava tão acostumado, ia tomar o dinheiro, quando este e o que o trazia se desvaneceram em fumo, mas tão pestilencial e fétido que por longo tempo deixou infeccionada a habitação com um fedor abominável, convertendo-se em despeito de Satanás o imaginário triunfo, porque a ação de Julião foi efeito de confiança, impulso da caridade e desprezo da cobiça.

Pela terceira vez voltou à carga o não escarmentado inimigo. Havia resgatado nosso santo uma donzela nobre, natural da cidade de Burgos, a quem haviam feito cativa os mouros de Granada, e, posta já em liberdade, a havia casado com um cavaleiro de iguais circunstâncias; mas já estava morta, sem que Julião o soubesse. Estando um dia em oração, ouviu uma voz que lhe disse: Julião, servo de Deus, que fazes? Dormes? Não me conheces? Abriu os olhos e, vendo junto a si a que se figurou a donzela resgatada, perguntou-lhe sobressaltado o que se lhe oferecia. Ao que respondeu a representada mulher, com lisonjeira ternura, que vinha mostrar-se agradecida a sua caridade e corresponder obsequiosa a tanto quanto lhe devia, aproximando-se entretanto de Julião e acrescentando outras palavras de carinho. Neste momento sentiu o santo que com mão invisível lhe davam um empurrão e ouviu uma voz que lhe dizia: Que fazes, Julião? Olha que não é a que pensas, mas o sujo e abominável Satanás que pretende enganar-te; e no ato desapareceu o inimigo. Ficou nosso santo estranhamente confuso e, parecendo à sua delicadeza que havia tido algum descuido, chorou-o amargamente, fazendo penitência dele toda a vida.

Tendo sido esta não menos dilatada que cheia de virtudes, de exemplos e de merecimentos, quis enfim premiá-los o Senhor e, para purificá-lo mais, enviou-lhe uma enfermidade não menos grave que penosa, a qual entendeu Julião que seria a última. Quando lhe pareceu tempo, pediu os santos sacramentos e, para recebê-los com mais devoto aparato, vestiu-se de pontifical; mas, depois de recebidos, despojou-se dos ornamentos da dignidade, vestiu um áspero cilício, estendeu-se no duro chão, cobriu-se de penitente cinza, não admitindo outro travesseiro que o de uma dura pedra; e, quando já havia entrado na agonia, viu vir para si uma formosíssima donzela cuja vestimenta excedia em alvura a neve mais pura; e o resplendor que despedia de si obscurecia os próprios raios do sol. Trazia na cabeça uma guirlanda de rosas; acompanhava-a uma brilhante tropa de virgens celestiais, e todas cantavam com dulcíssima harmonia aquele verso do Eclesiástico: Eis aqui o grande Sacerdote que em seus dias agradou ao Senhor.

Deu-lhe milagrosas forças a visita celestial; ergueu-se de joelhos, rendeu mil graças à Mãe de seu Deus por aquele inestimável favor e, estendendo-lhe uma palma a benignísima Senhora, disse-lhe: Toma, servo de Deus, esta palma em sinal da virgindade e pureza que sempre guardaste. Desapareceu a visão e, pouco depois, foi também atrás dela a puríssima alma de nosso santo, desprendida de seu corpo, num domingo, 28 de janeiro do ano 1208, aos oitenta de sua idade. Ao mesmo tempo em que expirou, viram quantos se achavam presentes que saiu de sua boca um formoso ramo de palma mais branco que a própria neve, o qual se foi elevando pelo ar até esconder-se nos céus, os quais se rasgaram à vista de todos, e ouviu-se a música dos anjos.

A uma concepção verdadeiramente milagrosa, a um nascimento acompanhado de prodígios, a uma vida cheia de milagres e a uma morte tão repleta de portentos seguiram-se tantos depois dela que a devoção dos povos começou a aclamá-lo santo, instando para que fosse elevado da terra, como se fez poucos anos depois e, colocando-o sobre o altar de Santa Águeda, rendeu-se-lhe culto, celebrou-se-lhe festa e fez-se-lhe lugar no calendário. Trezentos e dez anos se manteve seu corpo neste altar, até que no de 1518, sendo pontífice Leão X e reinando na Espanha Carlos V, foi solenissimamente trasladado ao que hoje ocupa. Quando se abriu a urna para registrar o santo corpo, achou-se tão inteiro, tão sem corrupção, como se expirasse naquele ponto; e as vestimentas tão novas e tão flamantes como se acabassem de sair da loja. Estava vestido de pontifical: mitra de cetim branco bordada de ouro na cabeça; báculo pastoral, cálice e galhetas, tudo de prata, sobre o santo corpo, e ao lado um ramo de palma tão verde e tão frondoso como se o acabassem de cortar. Esta solene trasladação é a que celebra hoje toda a Igreja da Espanha. E no dia cinco de setembro celebra a santa igreja de Cuenca a festa principal de seu grande padroeiro São Julião.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Hunc spiritum charitatis, quo implere dignatus es confessorem et pontificem tuum beatum Julianum, concedas populo tuo, quæsumus, Domine, ut exempla illius imitando cujus festum celebramus, possimus ad te venire. Per Christum Dominum nostrum, etc.*

Português: Suplicamos-vos, Senhor, que desperteis em vosso povo aquele espírito de caridade de que enchestes vosso confessor e pontífice, o bem-aventurado Julião, para que possamos chegar a vós imitando os exemplos daquele cuja festa celebramos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 20 dos Atos dos Apóstolos.

Atos dos Apóstolos 20,17.28.32-35

> **Latim:** 17 A Mileto autem mittens Ephesum, vocavit majores natu ecclesiæ. 28 Attendite vobis, et universo gregi, in quo vos Spiritus Sanctus posuit episcopos regere ecclesiam Dei, quam acquisivit sanguine suo. 32 Et nunc commendo vos Deo, et verbo gratiæ ipsius, qui potens est ædificare, et dare hæreditatem in sanctificatis omnibus. 33 Argentum, et aurum, aut vestem nullius concupivi, sicut 34 ipsi scitis : quoniam ad ea quæ mihi opus erant, et his qui mecum sunt, ministraverunt manus istæ. 35 Omnia ostendi vobis, quoniam sic laborantes, oportet suscipere infirmos ac meminisse verbi Domini Jesu : quoniam ipse dixit : Beatius est magis dare, quam accipere.

Português: 17 E enviando des de Mileto a Efeso, chamou aos anciãos da igreja. 28 Attendei por vós, e por todo o rebanho, sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para governardes a igreja de Deos, que elle adquiriu pelo seu próprio sangue. 32 E agora eu vos encomendo a Deos, e á palavra da sua graça, áquelle, que he poderoso para edificar, e dar-vos herança entre todos os que são santificados. 33 Não cubicei prata, nem ouro, nem vestido de nenhum, como 34 vós mesmos sabeis: porque estas mãos me servirão para as cousas, que me erão necessarias a mim, e áquelles que estão comigo. 35 Em tudo vos tenho mostrado, que trabalhando todos d'esta maneira, convem receber os enfermos, e lembrar d'aquellas palavras do Senhor Jesus, por quanto elle mesmo disse: Cousa mais bemaventurada he dar, que receber.

Reflexões

Vós sois testemunhas do modo como me portei convosco, servindo a Deus com toda a humildade. Esta foi a virtude de São Paulo, e esta foi também, por assim dizer, a virtude de Cristo: *discite a me, quia mitis sum, et humilis corde.* É a humildade o alicerce de toda virtude e o título primordial para ter direito à eterna bem-aventurança. Com ela pode-se aspirar à sua ditosa posse; e sem ela é vã toda pretensão de consegui-la jamais. A soberba precipitou da corte celestial os anjos rebeldes, e a humildade tornou a povoá-la de tantos espíritos verdadeiramente humildes. Não há virtude que esteja mais à mão para tudo. Ninguém há que não se encontre a si mesmo muito pequeno, se se olha com olhos sãos. Os empregos, os títulos, o nascimento, as dignidades em si mesmas têm algum preço, mas não o comunicam: o verdadeiro mérito sempre há de ser pessoal. O homem mais perfeito é o que tem menos faltas; o maior é o mais humilde: porque a soberba e o orgulho sempre acreditam pouco coração e pouco espírito. Basta haver pecado ou poder pecar para que vivamos sempre humildes. A virtude, a inocência, o mérito e a mesma santidade oferecem grandes materiais ao exercício desta virtude. Ninguém há que não possa e não deva humilhar-se: o grande, conhecendo seu nada; o pequeno, amando sua obscuridade e seu abatimento. Se Deus tivesse feito depender nossa salvação de outra virtude, muitos talvez se considerariam excluídos de seu reino; mas ninguém se pode escusar de ser humilde. Não há coisa mais fácil que ser santos,

quando o ser humildes nos é tão natural. Mas não se trata agora daquela humildade especulativa que consiste somente em conhecer cada um a pobreza de seus talentos: este conhecimento têm-no todos os homens capazes, e somente os tolos podem deixar de tê-lo. Fala-se da humildade cristã, que é a humildade de coração. Esta não só abre os olhos do conhecimento próprio, não só ensina o baixo conceito que cada qual sabe que deve ter de si mesmo, mas alegra-se de que os demais façam também o mesmo baixo conceito. Bem pode alguém ser humilhado sem ser humilde: para ser humildes é preciso comprazer-se na humilhação, e este é o fundamento do edifício cristão.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 6 de São Mateus.

Mateus 6,19-33

> **Latim:** 19 Nolite thesaurizare vobis thesauros in terra : ubi ærugo, et tinea demolitur : et ubi fures effodiunt, et furantur. 20 Thesaurizate autem vobis thesauros in cælo, ubi neque ærugo, neque tinea demolitur, et ubi fures non effodiunt, nec furantur. 21 Ubi enim est thesaurus tuus, ibi est et cor tuum. 22 Lucerna corporis tui est oculus tuus. Si oculus tuus fuerit simplex, totum corpus tuum lucidum erit. 23 Si autem oculus tuus fuerit nequam, totum corpus tuum tenebrosum erit. Si ergo lumen, quod in te est, tenebræ sunt : ipsæ tenebræ quantæ erunt ? 24 Nemo potest duobus dominis servire : aut enim unum odio habebit, et alterum diliget : aut unum sustinebit, et alterum contemnet. Non potestis Deo servire et mammonæ. 25 Ideo dico vobis, ne solliciti sitis animæ vestræ quid manducetis, neque corpori vestro quid induamini. Nonne anima plus est quam esca, et corpus plus quam vestimentum ? 26 Respicite volatilia cæli, quoniam non serunt, neque metunt, neque congregant in horrea : et Pater vester cælestis pascit illa. Nonne vos magis pluris estis illis ? 27 Quis autem vestrum cogitans potest adjicere ad staturam suam cubitum unum ? 28 Et de vestimento quid solliciti estis ? Considerate lilia agri quomodo crescunt : non laborant, neque nent. 29 Dico autem vobis, quoniam nec Salomon in omni gloria sua coopertus est sicut unum ex istis. 30 Si autem fœnum agri, quod hodie est, et cras in clibanum mittitur, Deus sic vestit, quanto magis vos modicæ fidei ? 31 Nolite ergo solliciti esse, dicentes : Quid manducabimus, aut quid bibemus, aut quo operiemur ? 32 hæc enim omnia gentes inquirunt. Scit enim Pater vester, quia his omnibus indigetis. 33 Quærite ergo primum regnum Dei, et justitiam ejus : et hæc omnia adjicientur vobis.

Português: [19] Não queirais enthesourar para vós thesouros na terra: onde a ferrugem, e a traça os consome: e onde os ladrões os desenterrão, e roubão. [20] Mas enthesourai para vós thesouros no ceo: onde não os consome a ferrugem, nem a traça, e onde os ladrões não os desenterrão, nem roubão. [21] Porque onde está o teu thesouro, ahi está tambem o teu coração. [22] O teu olho he a luz do teu corpo. Se o teu olho for simples: todo o teu corpo será luminoso. [23] Mas se o teu olho for máo: todo o teu corpo estará em trévas. Se pois a luz, que em ti ha, são trévas: quão grandes não serão essas mesmas trévas! [24] Ninguem póde servir a douss senhores: porque ou ha de aborrecer hum, e amar outro: ou ha de accommodar-se a este, e desprezar aquelle. Não podeis servir a Deos, e ás riquezas. [25] Por tanto vos digo, não andeis cuidadosos da vossa vida, que comeiris, nem para o vosso corpo, que vestireis. Não he mais a alma que a comida: e o corpo mais que o vestido? [26] Olhai para as aves do ceo, que não seneção, nem segão, nem fazem provimentos nos celieiros: e com tudo vosso Pai celestial as sustenta. Por ventura não sois vós muito mais do que ellas? [27] E qual de vós discorrendo póde acrescentar hum covado a sua estatura? [28] E porque andais vós sollicitos pelo vestido? Considerai como crescem os lirios do campo: elles não trabalhão, nem fião. [29] Digo-vos mais, que nem Salamão em toda a sua gloria se cobriu jáma's como hum d'estes. [30] Pois se ao feno do campo, que hoje he, e á manhã he lançado no forno, Deos veste assim: quanto mais a vós, homens de pouca fé? [31] Não vos afflijais pois, dizendo: que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos cobriremos? [32] Porque os Gentios he que se canção por estas cousas. Por quanto vosso Pai sabe, que tendes necessidade de todas ellas. [33] Buscai pois primeiramente o reino de Deos, e a sua justiça: e todas estas cousas se vos acrescentarão.

Meditação

Da caridade com os pobres

Primeiro ponto

Considera que a caridade, ou a misericórdia com os pobres, é uma terna compaixão da alma, à vista das misérias e necessidades alheias, com um vivo desejo de remediá-las. Um coração duro é sinal de alma negra e maligna. A compaixão é uma virtude natural ao homem; quase não há bárbaro que possa olhar a sangue-frio as lágrimas e o desconsolo de outros. Nenhuma coisa torna os homens mais semelhantes às feras que a desumanidade, e nenhuma é mais própria de um verdadeiro cristão que a misericórdia. Com muita frequência no-la inculcou Jesus Cristo, fazendo dela como um mandamento ou preceito seu muito particular, e querendo que as obras de misericórdia fossem como as únicas condições ou precisos títulos pelos quais nos havia de conferir o reino dos céus. Quer que a caridade que Deus tem com os homens seja, por assim dizer, a medida da que nós devemos ter com nossos irmãos: Sede misericordiosos, como o é nosso Pai celestial. A quanta bondade, a quanta compaixão, a quanta liberalidade nos obriga este preceito! Mas, no meio disso, quais são seus efeitos?

Em vão nos diz o Salvador que ele mesmo é quem nos pede esmola, que a ele mesmo a damos: *mihi fecistis*; tem-se por uma figura de retórica, que se lê ou se ouve com admiração. Crê-se, porventura, que se dá ao próprio Jesus Cristo a esmola que se faz? Crê-se que Jesus Cristo é quem geme nos calabouços, onde tudo lhe falta? Crê-se que é quem desfalece nos hospitais, quem morre de fome e de miséria nas casas particulares, enquanto tu engordas na abundância e os excessos te encurtam os dias da vida? Julgas que foi efeito do acaso, ou da indústria, que os bens se tenham como desatado sobre tua casa e sobre tua família? Aquele Deus que tudo dispõe com infinita sabedoria te fez rico para que fosses pai, tutor e curador dos pobres. Contanto que tenhas cuidado de alimentar estes que Deus pôs a teu cargo, consente o mesmo Senhor que tu te pagues primeiro; mas com a precisa condição de que hás de prover às necessidades dos pobres. Não os esqueceu na distribuição e economia de sua providência. Deu-te Deus esses bens com a indispensável condição e carga de cuidar dos infelizes. Mas cumpre-se hoje com esta obrigação indispensável? Ó Deus! Quantos ricos se condenam por não terem socorrido os pobres!

Segundo ponto

Considera que a misericórdia com os pobres não só é penhor que assegura os bens da outra vida, mas fonte inesgotável das prosperidades desta. Coisa estranha! Cada dia estão-se arruinando as casas, consumindo-se as mais florescentes rendas e fazendo-se os mais loucos, os mais supérfluos gastos, pelo desejo da glória, de sobressair e distinguir-se. Compra-se um pouco de pó que se lança aos olhos das gentes, e um relâmpago fugaz que se desvanece num instante; fazem-se grandes gastos para dar ao mundo umas cenas teatrais, que deslumbram, que enganam, que divertem por algum tempo e que ao fim ordinariamente terminam em confusão, em desprezo e em muita zombaria do mesmo que as deu. Pelo contrário, quanta honra faria a todos os homens ricos uma liberalidade verdadeiramente cristã! Que ação mais nobre que tirar da miséria e arrancar como dos braços da morte um número sem número de infelizes? E mesmo nas máximas do mundo, que obra mais heroica nem mais magnífica que ser por tua liberalidade como um glorioso redentor de muitas famílias honradas a quem uma secreta, muda e vergonhosa miséria ia precipitar no desespero, e tu as restituíste à salvação e à vida? Não é mais glorioso dar o pão a Jesus Cristo na pessoa dos pobres que manter uma dúzia de vadios, solícitos em viver à custa alheia para ser mais dissolutos?

Atribui-se a inconstância das prosperidades a mil acidentes, mil acasos, que certamente não tiveram parte nela. A causa mais frequente desses transtornos, dessas revoluções de fortuna, é a dureza dos ricos com os pobres. Negam-se a Deus os juros e assim não há que estranhar que te faça perder o capital. Não lhe dás o fruto e tira-te o fundo: *alii locavit agricolis.* Se se fecha o canal por onde há de correr a água, que muito que se desvie para outra parte? Queres fixar a roda dessa próspera fortuna? Queres que as rendas e as posses sejam por longos séculos hereditárias em tua família? Queres que passe a abundância a uma dilatada série de descendentes teus? Pois sê rico em misericórdias; sê liberal, sê magnânimo, sê pródigo em esmolas. O maior título para as prosperidades é a subsistência dos pobres; o bem que se lhes faz interessa ao próprio Deus; tudo quanto se lhes dá se põe a lucro.

Não esperes que tua habilidade nem tuas precauções hajam de assegurar a teus filhos essa rica fazenda. Mais virtude, mais força tem a esmola que todas as escrituras e todos os contratos. Onde há glória mais brilhante nem mais sólida que a que produz a misericórdia com os desditosos? Põe os olhos em São Julião. Sua caridade despojou-o de todos os seus bens, até dos precisos para sustentar-se. Mas que glória, que consolo o deste grande santo por haver sacrificado quanto tinha em alívio dos pobres!

Quando há de chegar o tempo, divino Salvador meu, em que vosso exemplo me inspire esta misericórdia para com todos os necessitados! Muita necessidade tenho de vossa graça; e assim a peço, Senhor, e com ela aquelas entranhas de misericórdia com os infelizes, que são um manancial inesgotável de todos os bens.

Jaculatórias

> Bem-aventurado aquele que se compadece do pobre e do necessitado, porque o Senhor se compadecerá dele e o livrará no dia de sua maior tribulação.[^6]

> Estende tua mão ao pobre, para que tua caridade sirva de sacrifício de propiciação por teus pecados e para que o Senhor lance a bênção sobre teus bens.[^7]

[^6]: Sl 10 (o original remete ao Salmo 10; cf. Sl 40,2 Vulgata/41,2). [^7]: Eclo 7.

Propósitos

1. Lembra-te de que Deus não te fez rico só para ti: deu-te os bens que possuis para ti e para os pobres. Sendo pai de todos, a que fim te havia de conceder tantas coisas supérfluas, deixando tantos outros sem as necessárias? Não os ama menos que a ti, nem tu lhe custaste menos que eles; de sua pura liberalidade recebeste todas essas posses. Que tens que não tenhas recebido de Deus? E, se o recebeste, de que te glorias como se não o tivesses recebido? diz o apóstolo. Adverte, pois, que essas riquezas te foram dadas a título oneroso, isto é, para o sustento dos pobres. Quer Deus que gozes de teus bens, mas quer também que os pobres tenham parte neles. Não esqueças, pois, esta obrigação de uma caridade indispensável, e desde hoje mesmo impõe-te uma lei de que não se te passe dia sem fazer alguma esmola em proporção de teus haveres. Ainda que pagasses a Deus o dízimo de teus bens, não farias demais, pois ao fim é o primeiro senhor e o soberano dono de tudo. Escandalosa injustiça! Dureza ímpia! Quanto se gasta em manter gordos

os cães e os cavalos, deixando perecer miseravelmente de fome muitas famílias! Reflete sobre o que em um só dia gastas no jogo e consomes em tuas diversões, considerando que isso só bastaria para tirar da miséria um grande número de infelizes.

2. Não te pede Deus que te despojes de todos os teus bens, ainda que o fizeram muitos santos. Tampouco te pede que te faças escravo para resgatar outro: heroísmo de caridade que todos admiramos em São Paulino e que procurou depois imitar São Domingo; pede-te que de quando em quando visites os pobres nos hospitais; que socorras os envergonhados; que vás consolar os enfermos e os encarcerados, animando-os com teus conselhos e solicitando sua liberdade com teus bons ofícios, enquanto o permita a justiça. Não te empobrecerão estas obras de misericórdia; antes enriquecerão não só os pobres, mas teus próprios herdeiros. Enfim, resgata teus pecados com a esmola. Se tens três filhos, diz Santo Agostinho, faze conta que tens quatro, contando Jesus Cristo por um deles, e veste-o na pessoa de um pobre.

São Valério, Bispo de Saragoça

A antiga, nobre e deliciosa cidade de Saragoça, fertilíssima entre todas as da província Tarraconense e a mais famosa pelos monumentos de piedade que nela se conservam, foi a pátria de São Valério. Apesar de ter esta cidade tido a ventura de que os mesmos que desolaram muitas outras tiveram respeito à sua grandeza ao tempo de conquistá-la, foi desafortunada nas perdas que sofreu, perecendo seus arquivos em repetidos incêndios. Por esta causa são muito escassas as notícias que chegaram a nossos tempos dos heróis da religião cristã, em que foi gloriosa e fecunda sobre as demais cidades da Espanha nos primitivos séculos da Igreja. Ignora-se absolutamente toda a série de seus prelados até São Valério, sendo este o primeiro bispo de quem com segurança se pode falar, embora com a dor de nos serem desconhecidas as particularidades de sua preciosa vida, até que, junto com São Vicente, foi preso no tempo da perseguição de Diocleciano e Maximiano. Não obstante, das atas deste invicto mártir de Jesus Cristo, do que escreveu o famoso cesaraugustano Prudêncio e de outras memórias autênticas, deduz-se com segurança o seguinte.

Antes da metade do século terceiro enriqueceu Deus a Igreja com o nascimento de São Valério, em quem lhe preparava um ministro digno, qual requer a acertada e fiel dispensação do sangue do Crucificado. Ignoram-se os nomes de seus pais; mas sabe-se por Prudêncio que eram nobilíssimos, da casa ilustre e consular dos Valérios, uma das famílias mais esclarecidas que tinha então Saragoça e da qual haviam saído, antes de nosso santo, varões muito exemplares e da mais alta dignidade na Igreja. Não faltou quem o fizesse grego de nação, dizendo que São Sisto II o trouxe à Espanha quando veio ao concílio de Toledo e que, ao passar por Saragoça, vendo-a sem bispo, deixou São Valério em sua cadeira; mas os manifestos erros que contêm estas palavras fazem a notícia tão apócrifa como verdadeira a contrária. Criou-se o santo com uma educação correspondente a seu esclarecido nascimento e na piedade que se derivava de seus antepassados.

Estudou letras sagradas e profanas, nas quais se aventajou sobremaneira, mormente adornando seu espírito com a submissão e com a desconfiança das próprias luzes, sem cujo requisito as mais das vezes degenera a humana sabedoria naquele gênero de ciência altiva que condena São Paulo. Via toda Saragoça não somente os crescidos proveitos que havia tirado de seus estudos, mas, o que é mais digno de chamar a atenção, que Valério, em meio a uma idade florescente e de ordinário perigosa, em meio às oportunidades que lhe oferecia a nobreza de sua família para as diversões e até dissoluções da juventude, conservava-se inocente, e com um método de vida que servia ao mesmo tempo à santificação e ao aproveitamento dos demais.

À medida que lhe aumentavam os anos, iam também crescendo nele os merecimentos, de modo que chegaram a ser conhecidos de todos e a ser premiados por quantos os conheciam. Antes de que a ambição cravasse seu feroz dente no sagrado, era a justiça quem repartia as dignidades e os ofícios, e o mais poderoso meio para obtê-los era a aptidão para eles e a virtude sólida com que se tivessem merecido. Por estes degraus subiu São Valério ao cume do episcopado; e, embora ignoremos seus feitos enquanto viveu nos graus inferiores, pode-se discorrer como serviria à Igreja e ao povo aquele que por aclamação de todos foi posto na cadeira episcopal em tempo de perturbação, em que o pastor e o rebanho eram perseguidos pelos inimigos de Jesus Cristo. Foi sua consagração por volta dos anos do Senhor de 290, com tanto sentimento seu como gosto e complacência do clero, que nele se prometia um bispo perfeito.

Acreditou a verdade que não tinha sido errado seu ditame nem mal apoiadas suas esperanças, porque, sentado Valério na cadeira episcopal, começou a derramar luzes de divina sabedoria e a espalhar por toda parte os efeitos de sua celestial beneficência. Era misericordioso e caritativo com os pobres: o órfão, o pupilo, a viúva desamparada tinham em seu bispo pai, tutor, esposo e todo o seu amparo. Cuidava do temporal como se não tivesse outro emprego e, ao mesmo tempo, eram as almas de seus súditos as que lhe custavam maior cuidado. Para este efeito proporcionava-lhes dignos ministros que as dirigissem, ensinassem e confirmassem na sã doutrina, com um zelo fervoroso e aceso que lhe abrasava o coração, com uma integridade que desprezava todos os respeitos humanos e com uma caridade que nada temia mais que desagradar a Jesus Cristo. Era Valério o complemento das esperanças de seu povo, e tal que não poderiam ter desejado um bispo tão cabal e perfeito, excedendo o conjunto de suas prendas e virtudes às miras e desejos que ao tempo de elegê-lo se haviam prefixado.

Como conhecia que um dos principais meios, ou talvez o único, para promover, conservar e firmar o verdadeiro espírito do Evangelho depende da boa eleição de obreiros e ministros que o cultivem, teve sempre grande cuidado de examinar a vocação dos que se dedicavam ao santuário; e, antes de dedicá-los para sempre a tão santo ministério, estava bem seguro de que sua conduta havia de ser de edificação e exemplo aos fiéis. Estes, de qualquer grau, dignidade, ofício e estado que sejam, têm as mesmas obrigações e as mesmas leis que os eclesiásticos, porque todos professam uma mesma religião, que é a de Jesus Cristo; mas os que servem ao altar, pela altura de seu ministério, devem aspirar a maior perfeição e servir de exemplo e regra pela qual os demais conduzam suas ações; mas, se por desgraça não cumprem seu ministério e, em vez de servir de edificação, servem de escândalo, faltarão a sua obrigação, fazendo-se réus do sangue de Jesus Cristo; mas nunca poderão servir de desculpa às transgressões dos povos. A fatal preocupação que sobre este ponto sempre reinou nas gentes do século fazia mais vigilante a São Valério, e a só

eleição de São Vicente, que chegou a nossa notícia, pode servir de testemunho de seu cuidado e integridade.

Este santo mártir, celebrado por sua fortaleza e pelas terríveis circunstâncias de seu martírio em toda a Igreja desde seus primeiros séculos, é o ditoso fruto por onde podemos chegar ao conhecimento da árvore preciosa que o produziu. Gerou-o no espírito São Valério, ensinando-lhe as ciências sagradas e o santo temor de Deus, com que o ia dispondo e lavrando qual pedra preciosa que havia de servir de ornamento à celestial Jerusalém. Vendo-o tão aproveitado e digno de servir à santa Igreja no mais alto ministério, ordenou-o diácono e constituiu-o, segundo a disciplina antiga, seu cooperador e companheiro nos santos exercícios, em que sempre aos bispos acompanhavam um ou mais diáconos. Além disso, encarregou-lhe um dos ofícios privativos seus, que era a dispensação da divina palavra.

Era São Valério sumamente ancião e, com os anos, trabalhos, penitências e desvelos contínuos no cumprimento de seu cargo, aumentara-se-lhe certo impedimento para falar que tinha na língua, na medida em que havia crescido o desejo de que suas ovelhas recebessem em maior cópia o pasto da divina palavra. Como São Vicente era capaz de desempenhar a contento o ministério, e o empenhava a empregar-se nele com todas as suas forças o zelo de seu bispo, resultou um fruto copioso em proporção da caridade e vigilância pastoral de quem o promovia. Jamais se viu tão florescente Saragoça; jamais foram seus costumes tão ajustados ao Evangelho; jamais se viu este observado com mais pureza, nem respeitadas com maior submissão as leis e disciplina eclesiástica. Pôde neste tempo feliz gloriar-se Saragoça de que seu distrito, compreendido nele todo o bispado, era o teatro onde se via em todo seu esplendor, majestade e pureza a religião de Jesus Cristo; onde mais alunos criou o espírito de mortificação e desprezo do mundo e onde se produziram maiores testemunhas que com seu sangue manifestaram a verdade do Evangelho.

O cuidado de suas ovelhas não diminuía um ponto o resto de suas obrigações. Todos os bispos deviam atender a que estavam sentados na cadeira do império Diocleciano e Maximiano e que, embora o fogo da perseguição costumasse amortecer-se, tinha sobrada isca nos infernais peitos dos imperadores para arder depois com mais vigor e voracidade. Deviam, portanto, conferenciar entre si os bispos e assegurar os meios mais conducentes para sustentar o povo na firmeza da fé que havia professado, sem que bastassem tormentos nem promessas para contrastá-la. Com este fim reuniu-se um concílio, que foi o primeiro da Espanha, na cidade de Elvira, hoje Granada, ao qual assistiu São Valério e assinou em sexto lugar, precedendo por muito tempo o famoso bispo de Córdoba, Ósio, que assinou no undécimo. Nele se estabeleceram cânones muito oportunos para confundir e pôr em ódio a idolatria e para robustecer e dar ânimo aos que haviam recebido o batismo.

Contente São Valério com o auxílio que se lhe acabava de proporcionar para a maior santificação de suas ovelhas, voltou a Saragoça para continuar os desvelos de seu cargo pastoral. Exercitava-se neles com seu diácono Vicente, exortando os remissos, aterrando os soberbos, fortalecendo os fracos e fazendo-se tudo para todos, a fim de ganhá-los todos para o Senhor. Com singularidade procurava inspirar em seus corações a virtude da fortaleza, propondo o preço da fé e as coroas imarcescíveis que tem Deus oferecidas aos que diante dos homens o confessam. Não durou muito a tranquilidade; e viu-se muito em breve quão oportunamente preparava seus fiéis para a batalha

que o inimigo comum lhes apresentava.

Chegou neste tempo a Saragoça o presidente Daciano, a quem no ano anterior, de 303, haviam enviado à Espanha Diocleciano e Maximiano por ministro de suas crueldades e executor da horrível e sangrenta perseguição que haviam movido contra o nome de Cristo. Informado de que o bispo Valério e seu diácono Vicente eram as cabeças e caudilhos que sustentavam a religião do Crucificado, pregando incessantemente a verdadeira doutrina do Evangelho contra a supersticiosa e vã adoração dos ídolos, pensou com astúcia infernal que, destruído o princípio, poderia mais facilmente derrubar e desfazer quanto por ele se sustentava. Mandou imediatamente que prendessem os dois santos e os trouxessem para serem julgados em sua presença. Não eram tão vivos os desejos que tinha o tirano de derramar seu sangue como os que acendiam os dois fervorosos corações de vertê-lo valorosamente pela confissão de Jesus Cristo. Mal haviam entendido o decreto, quando eles mesmos, com a maior presteza, determinaram pô-lo em execução, alentados pela fé e jubilosos com a doce esperança da vitória que já viam próxima. A mesma consideração dos duros tormentos que se prometiam padecer os alentava e comunicava maior espírito para acelerar seus passos à casa do presidente, onde deviam ser julgados.

Postos na presença de Daciano, confessaram com voz intrépida e livre que adoravam Jesus Cristo, a quem reconheciam por verdadeiro Deus, e abominaram os torpes ídolos que a cega gentilidade adorava. Bem quisera o cruel ministro castigar ali mesmo aquela cristã liberdade que em seu interior qualificava de temerária ousadia; mas, crendo que com aflições e maus-tratos poderia quebrantar seus ânimos e resoluções, mandou que os carregassem de ferros e os levassem a Valência. Não contente com isto, encarregou que os maltratassem no caminho, escasseando-lhes o sustento necessário para a vida, e que os pusessem bem seguros no calabouço mais fétido, incômodo e escuro que nos cárceres houvesse. Os soldados do presidente executaram sua ordem; e, carregando os santos de pesadas cadeias de ferro, os levaram com a maior desumanidade, acrescentando à velhice e debilidade de São Valério, e ao cansaço e tormentos das prisões, os doestos e mortificações que sua fúria lhes ditava. Aos tormentos do caminho seguiram-se os do cárcere, onde estiveram muito tempo carregados de prisões e com a mesma escassez de comida que o presidente havia determinado.

Restituído este de Saragoça a Valência, creu que, enfraquecidos e extenuados os corpos dos santos varões, teriam também decaído as forças de seu espírito. Pensava, portanto, achá-los mais brandos e acessíveis às propostas de paz que havia de lhes fazer e contava já com um exemplo famoso de abjuração do nome cristão, capaz de comover e transtornar os mais fortes e de proporcionar-lhe uma conquista que tornaria o nome de Daciano glorioso no gentilismo. Não queria, além disso, que morressem obscuramente entre os tormentos, a fome e a fetidez do calabouço, sem que pudessem ser aos demais fiéis um escarmento horroroso; pois, em tal caso, dizia o desumano juiz, nem com os mortos teria piedade, e teria atormentado ou escarnecido os cadáveres para infundir terror aos vivos. Manda, pois, que tirem Valério e Vicente do cárcere e os tragam à sua presença; o que no ato foi executado.

Esperava o juiz injusto ver diante de si dois homens pálidos, extenuados, consumidos; ver seus olhos amortecidos, seus alentos abatidos e com todos os sinais que anunciam uma próxima morte; mas ficou suspenso e gelado quando, contra sua esperança, viu que estavam mais lúcidos, fortes e

vigorosos do que quando em Saragoça os havia visto. Não alcançava que pudesse ter sido efeito milagroso e graça sobrenatural daquele Deus igualmente onipotente e benéfico que adoram os cristãos; e, voltando-se para seus ministros, cego de cólera e furor, disse-lhes: Como tivestes ousadia para regalar estes réus com abundante comida e bebida, contra o que eu mandei? Logo se aquietou algum tanto, para que a furiosa cólera que agitava seu coração não desautorizasse suas palavras e, com tom mais temperado e persuasivo, disse a São Valério: « Que fazes, Valério? Em que pensas? Julgas que é suficiente pretexto para desobedecer aos príncipes o apoio da vã religião de que te prezas? Ignoras que os que negam a obediência a seus decretos têm em grande perigo suas vidas? Os senhores e imperadores do mundo mandaram que sacrifiqueis aos deuses, sem que pretendais profanar um culto antigo e venerável por sua dignidade com as leis de uma religião falsa e desconhecida. Volta a ti: reflete em minhas admoestações e oferece aos deuses incenso, para que, vendo os demais que seu bispo abraça este partido, sigam com mais facilidade a religião que te proponho. E tu, Vicente, lembra-te de que és nobre e de que estás em meio às mais lisonjeiras oportunidades por tua juventude florida e pela altura de tua linhagem. Uma e outra são motivos poderosos que te devem persuadir a dar assentimento a minhas palavras. Finalmente, resolvei-vos: declarai unanimemente vosso último parecer, para que, segundo ele seja, recebais ou prêmios e galardões ou tormentos cruéis e os últimos suplícios. »

Ouvido o astuto e capcioso arrazoado do iníquo Daciano, respondeu o santo bispo que estavam prontos e preparados a derramar com gosto seu sangue em defesa e testemunho da santa religião que professavam; que abominavam de todo o coração os deuses dos gentios e que os decretos dos imperadores não se deviam obedecer quando expressamente eram contrários ao que manda Jesus Cristo. Como São Valério dava esta resposta com algum trabalho pelo impedimento de sua língua e o juiz instava com novas réplicas e reconvenções, pediu São Vicente licença a seu bispo para falar e dar satisfação a Daciano. Concedeu-lha o santo, dizendo: Há tempo, filho meu muito amado, que com suma satisfação e consolo de minha alma te encarreguei o santo ministério da divina palavra, para que instruísses os fiéis: da mesma maneira te encarrego agora que respondas em defesa da fé, por cuja causa nos achamos neste tribunal. Logo que São Vicente obteve esta licença, falou ao juiz com tanta liberdade e constância, com tal desprezo dos deuses e dos tormentos que, aceso em raivosa cólera Daciano, dirigiu suas miras a fazer em Vicente um exemplar escarmento; e, cheio de ira, disse: Tirai de minha presença este bispo e seja no ato desterrado, por haver desprezado os imperiais editos.

Não foi piedade o que moveu o juiz a deixar com vida São Valério, mas o desejo de que fosse seu tormento maior, sendo mais duradouro e prolongado. Via-o nos anos mais trabalhosos de uma velhice achacosa e tornada mais pesada com os jejuns, penitências, vigílias e atenção contínua aos ofícios de seu cargo; e pensou que isto mesmo, junto com o desterro, lhe seria uma pena contínua, que estaria servindo de escarmento aos que quisessem seguir seus passos. Pôs-se em execução a sentença; e, ao separarem-se os dois santos, um para ser levado ao ecúleo e o outro ao desterro, foram tantas as lágrimas de São Valério que conheceram os cruéis ministros quanto invejava a sorte de Vicente. A caridade fazia ferver seu gelado sangue em fervorosos desejos de derramá-lo por Jesus Cristo; mas a Providência tinha diferentes miras, e São Valério teve de conformar-se com seus conselhos inescrutáveis. Saudaram-se amorosíssimamente os dois invencíveis soldados de Jesus Cristo: disseram-se palavras de grande edificação e ternura; e, confortando-se mutuamente em seus trabalhosos destinos, disseram-se o último adeus, despedindo-se neste mundo até a

pátria celestial.

São Valério foi levado a cumprir seu desterro num lugarejo infeliz, chamado Enet, distante uma légua de Barbastro, na margem do rio Cinca, com a mira de que seu espírito estivesse mais atormentado ouvindo as crueldades que em seu rebanho faziam os ministros de Satanás e vendo-se impossibilitado de ministrar-lhes o pasto da celestial doutrina; mas o santo convertia em sua própria santificação todo o cuidado que não podia empregar no proveito de suas ovelhas. Exercitava-se em jejuns, penitências, leitura dos livros sagrados e meditação contínua das divinas grandezas. Nestes santos exercícios passava sua preciosa vida, esperando por instantes que o Senhor o livrasse dos laços da mortalidade para ir gozar de suas eternas recompensas. Chegou a sua notícia o triunfo que seu arcediago Vicente havia alcançado em Valência, morrendo na confissão da fé entre tormentos horríveis, que sofreu não só com admirável constância, mas com gozo e alegria: pedia a Deus que fosse servido de dar-lhe faculdades para edificar uma igreja em honra do santo mártir e, ouvindo tão justas súplicas, concedeu-lhe este consolo. Não há força, não há conselho contra a força e os conselhos do Altíssimo. No meio das calamidades de um desterro e de estar o santo bispo destituído de todos os socorros humanos, houve piedade e valor nos fiéis para proporcionar ao santo prelado os cabedais que para uma obra custosa e ruidosa ao mesmo tempo eram essenciais e necessários. Com este consolo avivaram-se mais os desejos que tinha de ver coroado na glória quem havia construído um monumento de eterna veneração na terra. Sentiu que estava muito próximo o cumprimento de suas esperanças; e, tendo-se preparado com todo o fervor de sua ardentíssima caridade, deixou o mundo para viver eternamente, gozando o prêmio de seus trabalhos e heroicas virtudes no céu.

Sucedeu sua ditosa morte no ano do Senhor de 315, tendo vivido no desterro com invicta paciência onze anos. Seu corpo foi sepultado pelos cristãos no castelo de Estrada, onde se manteve com grande veneração, obrando Deus continuamente, pela intercessão de seu servo, muitos portentos e maravilhas, com que simples e devotamente imploravam seu patrocínio. Na vinda dos sarracenos pereceu com a destruição do castelo de Estrada a memória das preciosas relíquias, até que no ano de 1050 se dignou Deus revelar o lugar onde repousavam ao devoto Arnulfo, bispo de Roda, o qual trasladou o corpo do santo para sua sé, colocando-o na igreja de São Vicente. Pouco depois da conquista de Saragoça, ocorrida em dezembro de 1118, obteve seu bispo e cabido, à força de rogos e lágrimas, do bispo de Ribagorza, Raimundo, que havia vindo felicitá-los, a graça de que lhes desse um braço inteiro de seu santo prelado. Fez-se a trasladação com tanta pompa e aparato, e manifestou o povo tão extraordinária alegria, que saíam todos sem distinção de classes, idades nem sexos ao caminho, dando saltos de contentamento e fazendo outras demonstrações que encheram de surpresa os maometanos, não podendo ver sem riso que se fizessem tais festas por um osso de homem morto.

Deus, que tem grande cuidado de honrar seus servos e de manifestar aos infiéis com prodígios as verdades da religião cristã, quis cumprir uma e outra coisa, fazendo que à presença da santa relíquia saísse o demônio do corpo de um infeliz energúmeno a quem atormentava com horrorosas dores e contorções que punham espanto em quantos o viam. No ano de 1170 veio o rei Dom Afonso II celebrar a festa do nascimento de Cristo na igreja de São Vicente de Roda e suplicou a seu bispo, Dom Guilherme Pérez, e ao capítulo que lhe fizessem a mercê de dar-lhe a cabeça de São Valério. Condescenderam gostosos com a devoção do príncipe, que, entregando-a ao bispo de

Saragoça, fez que se trasladasse a esta cidade, onde se venera com suma devoção na igreja da Sé. Muitas outras igrejas se honram com alguma relíquia deste santo prelado, especialmente Castelnou, lugar pertencente ao ducado de Híjar, ao qual manifestou uma particular proteção quando vivo, e muito mais depois que reina com Deus nos céus. Os prodígios que viram seus devotos e as mercês assinaladas que por sua intercessão receberam da divina mão dificilmente podem reduzir-se a número determinado: e somente os preciosos dons com que a casa do excelentíssimo senhor duque de Híjar manifestou seu agradecimento pelos favores que recebeu deste santo são uma prova da largueza com que socorre seus devotos e do alto grau de glória com que Deus coroou seus merecimentos.

São Cirilo, Patriarca de Alexandria

O Senhor, que tem cuidado de prover sua Igreja de acérrimos defensores para conservar pura e sem mancha a sagrada doutrina, suscitou São Cirilo para defender o mistério da encarnação num tempo em que a heresia se havia desencadeado para aniquilá-lo. Por esta razão chamaram-no o doutor do dogma da Encarnação, como Santo Agostinho é chamado o doutor da Graça. Instruído desde a infância no estudo dos sagrados livros, à vista do patriarca Teófilo, seu tio, juntou em seguida o da tradição, afeiçoando-se de tal sorte à doutrina dos antigos Padres que, segundo ele mesmo o confessa, nada ensinava que não fosse tomado deles. Seus livros contra Juliano mostram que reunia também um grande conhecimento dos autores profanos.

Tendo morrido Teófilo em 412, houve grandes altercações para a eleição de sucessor; mas por fim prevaleceu o partido de nosso santo, e foi entronizado três dias depois da morte de seu tio. Começou o exercício de sua alta dignidade por um traço de vigor contra os novacianos, mandando fechar as igrejas que esses hereges tinham em Alexandria e apoderando-se de todos os vasos e móveis que havia nelas. Algum tempo depois expulsou os judeus, culpados de muitas violências contra os cristãos; o que o indispôs com Orestes, governador de Alexandria, o qual foi vivamente picado por este ato de autoridade e rompeu publicamente com o santo; e, embora este desse todos os passos para reconciliar-se, enviando-lhe a pedir sua amizade em nome dos santos evangelhos, tudo foi inútil: Orestes prosseguiu em seu ódio e foi ocasião de uma funesta catástrofe. Uma jovem pagã, chamada Hipácia, havia aberto em Alexandria uma escola de filosofia platônica; sua reputação era tal que atraiu um grande número de discípulos, e entre eles o célebre Sinésio, a quem rogou que revisasse suas obras. Os filósofos mais afamados a consultavam de todas as partes sobre questões difíceis e recebiam suas decisões como oráculos. Hipácia tinha estreitas relações com Orestes; e o povo de Alexandria, de uma imaginação fácil de inflamar-se, deu crédito ao rumor de que era ela quem retraía o governador de reconciliar-se com o patriarca. Sua morte foi jurada e, ao sair um dia de sua casa, lançando-se sobre ela uma tropa de homens furiosos, arrojaram-na do carro em que ia, fizeram-na em pedaços e arrastaram seus membros pelos diferentes bairros da cidade. Passou isto no ano 415. Uma ação tão horrível foi detestada por

todas as pessoas de bem e mais particularmente por São Cirilo, que buscava os meios de sufocar toda semente de divisão.

Desgraçadamente havia-se deixado prevenir nosso santo contra São Crisóstomo, que havia sido condenado por seu tio; e em consequência disso havia-se recusado por longo tempo a restabelecer sua memória, até que, convencido por fim em 419 da inocência do santo arcebispo de Constantinopla, pôs seu nome nos dípticos, que era a maneira de levantar a excomunhão aos mortos. O papa Zósimo, informado do que havia feito, enviou-lhe logo cartas de comunhão. Isto é tudo o que sabemos da vida de São Cirilo até o ano 428, em que começou a defender a fé contra o nestorianismo.

Nestório, monge e sacerdote de Antioquia, tinha tudo o que é próprio para seduzir o povo, que se deixa enganar sempre pelas aparências. A um exterior devoto e mortificado juntava alguns conhecimentos, com uma grande facilidade de explicar-se; mas em seu coração albergava a hipocrisia, um orgulho insuportável e um grande encaprichamento por suas ideias, que preferia à doutrina dos antigos padres. Estando vaga a sé de Constantinopla, foi elevado a ela em 428 e começou seu pontificado por perseguir com uma espécie de furor os arianos, macedonianos, maniqueus, quartodecimanos, e acabou por expulsá-los de sua diocese. Mas ao mesmo tempo deu em comunicar com Celéstio e Juliano, corifeus principais do pelagianismo e, embora admitisse com a Igreja a existência do pecado original, negava com aqueles a necessidade da graça. Não contente com isto, começou a pregar publicamente que havia duas pessoas em Jesus Cristo, a de Deus e a do homem; que o Verbo não estava unido hipostaticamente à natureza humana e que, por conseguinte, a santíssima Virgem não era mãe de Deus, mas do homem ou de Cristo. Estas novidades ímpias causaram muito escândalo nos fiéis e, cheios de zelo, alguns sacerdotes, entre outros São Proclo e Eusébio, depois bispo de Dorileu, representaram vivamente a Nestório, que desprezou suas admoestações, pondo-os no caso de separar-se de sua comunhão.

Entretanto São Cirilo, que havia recebido as homilias de Nestório, conheceu por sua leitura serem certos os erros que lhe imputavam e escreveu-lhe uma carta para fazê-lo voltar à verdade pelos meios da brandura; mas o orgulho de Nestório, que não podia ver-se contradito, foi vivamente picado e respondeu-lhe com a maior altivez. Levado este negócio a Roma, convocou ali o papa Celestino um concílio particular para examinar a nova doutrina e, como todos os padres exclamassem a uma voz que Nestório era heresiarca, pronunciou-se contra ele a sentença de excomunhão e de deposição, que foi enviada a Cirilo para que, se no espaço de dez dias contados desde sua notificação Nestório não retratasse publicamente seus erros, passasse à execução dela. Escreveu-lhe nosso santo, por última admoestação, uma nova carta, no fim da qual havia doze anatematismos, ou artigos, aos quais devia subscrever o arcebispo de Constantinopla se queria ser reconhecido como ortodoxo. Mas este resistiu a obedecer, mostrando-se mais teimoso que nunca. Esta pertinácia deu lugar à convocação do terceiro concílio geral, que se teve em Éfeso em 431, ao qual concorreram duzentos bispos, sendo presidente São Cirilo em nome do papa Celestino. A doutrina de Nestório foi examinada e condenada e, como, apesar de achar-se na cidade, o heresiarca se negasse a comparecer, precedidas as três citações jurídicas, pronunciou-se contra ele a sentença de deposição e deu-se informe ao imperador.

Seis dias depois chegaram a Éfeso João de Antioquia e outros catorze bispos do Oriente, protetores de Nestório, os quais, em vez de juntar-se aos padres do concílio, excomungaram São Cirilo e todos os que seguiam seu partido. Reclamou-se de ambos os lados ao imperador, o qual deu ordem para que se prendessem São Cirilo e Nestório; mas, apesar de o primeiro ser inocente, foi pior tratado que o segundo, e até faltou pouco para que saísse desterrado; tal era a influência que exercia seu inimigo na corte. Felizmente chegaram nesta ocasião os bispos Arcádio e Projeto e o presbítero Filipe, legados do papa São Celestino, e os negócios tomaram outro rumo mais favorável a São Cirilo. Informados plenamente estes legados de tudo o que se havia feito, aprovaram a conduta de nosso santo, declararam injusta sua condenação e confirmaram a de Nestório. Enfim, a verdade recobrou seus direitos; São Cirilo foi restabelecido, os bispos cismáticos reconciliaram-se com ele depois de subscrever à condenação de Nestório, e este se retirou para o mosteiro de Antioquia onde havia sido criado. Algum tempo depois foi expulso dali pelo imperador Teodósio, a instâncias do patriarca João, porque não cessava de dogmatizar; e, relegado ao Oásis, nos desertos do alto Egito, morreu sem haver retratado sua doutrina ímpia. O nestorianismo sobreviveu a seu autor e ainda subsiste no Oriente.

De volta a Alexandria, aplicou-se Cirilo pelo resto de sua vida a cumprir com fervor os deveres do episcopado, a conservar em toda a sua pureza o precioso depósito da fé e a restabelecer e cimentar a paz que a heresia havia perturbado. Ocupado nestas funções, morreu a 28 de junho do ano 444. O papa São Celestino, que havia concebido dele a mais alta opinião, deu-lhe os títulos de defensor generoso da Igreja e da fé, de doutor católico e de varão verdadeiramente apostólico. Os gregos honram sua memória a 18 de janeiro e a 9 de junho. As obras principais que temos de São Cirilo são: 1º a *Adoração em espírito e em verdade*, em que explica alegórica e moralmente algumas passagens do Pentateuco; 2º os livros chamados *Glafiros*, ou explicação alegórica das histórias referidas no Pentateuco; 3º os *Comentários* sobre Isaías, os doze profetas menores e o evangelho de São João; 4º o livro intitulado *O Tesouro*, por causa das sublimes verdades que encerra, contra os arianos; 5º o livro sobre a santa e consubstancial Trindade e sobre a encarnação; 6º os três *Tratados sobre a fé*; 7º os cinco livros contra Nestório; 8º os doze *Anatematismos*, de que já falamos, e as duas apologias deles; 9º o livro contra os antropomorfitas, que davam a Deus um corpo humano; 10º os dez livros contra Juliano, o Apóstata; 11º as *Homilias sobre a Páscoa* e muitas cartas.

Teve São Cirilo uma grande devoção ao mistério da encarnação, ao sacramento da eucaristia e à santíssima Virgem, a quem no livro 4º contra Nestório dirige estas belas palavras, que não podemos deixar de transcrever: « Eu vos saúdo, Maria, mãe de Deus, tesouro venerável de todo o universo, lâmpada que não se apaga, brilhante coroa da virgindade, cetro da boa doutrina… Eu vos saúdo, a vós que em vosso seio virginal encerrastes o Imenso e o Incompreensível; a vós por quem a santa Trindade é adorada e glorificada; a vós por quem a cruz preciosa do Salvador é exaltada por toda a terra; a vós por quem exulta o céu, se alegram os anjos, se afugentam os demônios, é vencido o tentador, é elevada ao céu a criatura culpada e o conhecimento da verdade se estabelece sobre as ruínas da idolatria; a vós por quem os fiéis alcançam o batismo e são ungidos com o óleo da alegria; por quem são fundadas todas as igrejas do mundo e guiadas as nações à penitência; a vós, enfim, por quem o Filho único de Deus, que é a luz do mundo, esclareceu os que estavam sentados nas sombras da morte… »

Martirológio Romano

Em Roma, a segunda festa de Santa Inês.

Na mesma cidade, São Flaviano, que sofreu a morte sob Diocleciano.

Em Apolônia, os santos Tirso, Leúcio e Calínico, que, depois de provados com muitas espécies de tormentos, consumaram seu martírio no tempo do imperador Décio: o primeiro e o último foram decapitados; Leúcio rendeu seu espírito no momento em que o chamou uma voz do céu.

Na Tebaida, São Leônidas e companheiros, que obtiveram a palma do martírio no tempo de Diocleciano.

Em Alexandria, a comemoração de muitos santos mártires que, tendo sido surpreendidos na igreja no momento em que celebravam os divinos mistérios, sofreram diversos gêneros de morte por obra de um chefe de soldados da seita dos arianos, chamado Siriano.

No mesmo dia, São Cirilo, bispo de Alexandria, o qual, depois de ter sido um dos mais generosos defensores que a fé católica teve e de se haver distinguido por sua ciência e santidade, morreu tranquilamente.

Em Saragoça, São Valério, bispo.

Em Cuenca, na Espanha, a festa de São Julião, bispo, o qual, repartindo aos pobres as rendas de sua igreja e vivendo do trabalho de suas mãos, à imitação dos apóstolos, descansou em paz, ilustre por seus milagres.

No mosteiro de Réomé,[^8] a morte de São João, presbítero, varão de Deus.

Na Palestina, Tiago, ermitão, o qual, para fazer penitência de uma falta que havia cometido, viveu por muito tempo encerrado dentro de um sepulcro; esclarecido depois com muitos milagres, foi gozar da presença de Deus.

[^8]: É a abadia chamada Moutiers-Saint-Jean, na diocese de Langres.

Missa de São Valério (oração)

A missa é em honra de São Valério, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Omnipotens sempiterne Deus, qui sacram beati Valerii confessoris tui atque pontificis solemnitatem hodierna die venerari voluisti: nos famulos tuos ab omni culpa liberos esse concede; ut ejus intercessione ad vitam perveniamus æternam. Per Dominum…*

Português: Ó Deus eterno e todo-poderoso, que quisestes que veneremos hoje a festividade sagrada de vosso confessor e pontífice o bem-aventurado Valério, concedei a nós, vossos servos, que sejamos livres de toda culpa, para que, por sua intercessão, cheguemos à vida eterna. Por Nosso Senhor Jesus Cristo…

Epístola (São Valério)

A epístola é dos capítulos 44 e 45 do Eclesiástico.[^9]

> **Latim:** *Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. Non est inventus similis illi qui conservaret legem Excelsi. Ideo jurejurando fecit illum Dominus crescere in plebem suam. Benedictionem omnium gentium dedit illi, et testamentum suum confirmavit super caput ejus. Agnovit eum in benedictionibus suis: conservavit illi misericordiam suam, et invenit gratiam coram oculis Domini. Magnificavit eum in conspectu regum; et dedit illi coronam gloriæ. Statuit illi testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium magnum, et beatificavit illum in gloria. Fungi sacerdotio, et habere laudem in nomine ipsius, et offerre illi incensum dignum, in odorem suavitatis.*

Português: Eis aqui um grande sacerdote que em seus dias agradou a Deus e foi achado justo, e no tempo da ira fez-se reconciliação. Não se achou semelhante a ele na observância da lei do Altíssimo. Por isso o Senhor, com juramento, fez que fosse célebre em seu povo. Deu-lhe a bênção de todas as nações e confirmou em sua cabeça o seu testamento. Reconheceu-o por suas bênçãos e conservou-lhe sua misericórdia, e achou graça aos olhos do Senhor. Engrandeceu-o na presença dos reis e deu-lhe a coroa da glória. Fez com ele uma aliança eterna e deu-lhe o sumo sacerdócio, e encheu-o de glória, para que exercesse o sacerdócio, fosse louvado seu nome e lhe oferecesse incenso digno dele, em odor de suavidade.

[^9]: O original diz “da Sabedoria”; o texto é de Eclesiástico (Sirácida) 44,16-17; 45,3-4.7-8.20-21 (leitura litúrgica composta, que não coincide com um trecho contínuo da Bíblia do site; por isso foi traduzida a partir do latim e do espanhol do original).

Reflexões (São Valério)

Eis aqui um grande sacerdote que, enquanto viveu, foi agradável a seu Deus. De nada serve, segundo a linguagem das santas Escrituras, agradar aos homens; só se conta no número dos bons quem procura agradar a Deus. Se eu pensasse em comprazer aos homens, dizia o apóstolo, não seria servo de Jesus Cristo. O mesmo Salvador diz expressamente a seus discípulos que não podem agradar ao mundo, porque não são do mundo; que, se o fossem, o mundo os estimaria: e se este divino oráculo deve verificar-se com respeito a qualquer fiel imitador de Jesus Cristo, muito mais se deve comprovar em seus ministros. A conduta destes deve ser uma contínua censura das máximas do mundo; devem repreender, argumentar, corrigir e emendar todo gênero de delitos, a todas as horas, em todas as ocasiões; e com isto é impossível que possam granjear a estima do mesmo mundo. A maior prova da virtude de um sacerdote é não fazer caso dos aplausos e elogios dos mundanos; antes deve desprezá-los e fugir deles, como que são a traça que rói as boas obras.

Os mesmos meios por onde se busca muitas vezes a estima do mundo são os que mais desacreditam os sacerdotes. Até o secular mais relaxado entende bastante de virtude e de moral para censurar em seu interior a conduta de um eclesiástico. Qualquer um sabe que todo aquele que pretende um benefício ou uma dignidade eclesiástica se faz indigno dela pelo mesmo fato de pretendê-la: e, sob este princípio, que juízo deverá formar das baixezas, das indignas submissões e dos infames artifícios com que se solicitam os postos da Igreja? Todos sabem que a caridade e o desinteresse são as virtudes características dos sacerdotes e escandalizam-se altamente quando veem que as rendas eclesiásticas têm um destino muito alheio de sua natureza e instituto. Todos conhecem que o mérito, a virtude e a ciência devem ser a única e a maior recomendação do ministro da Igreja; que deve ser o espelho em que se olhem os seculares; que devem recorrer a ele para pedir-lhe consolo em seus trabalhos, conselho em suas dúvidas e doutrina para o regime de suas consciências. Mas acham talvez um sacerdote distraído, ocupado unicamente nos negócios e interesses do século, que não serve senão de gravame à Igreja, que foge do trabalho a que o obriga seu ministério e que é mais ignorante na ciência da Religião que eles mesmos. Por isso queixa-se amargamente São Gregório do dano que ocasionam aos fiéis aqueles sacerdotes que, tendo-os Deus destinado para a correção dos demais, são eles mesmos exemplo de corrupção. Quando pecam os que deveriam conter e refrear os pecadores, quando não buscam o interesse das almas que lhes foram confiadas, mas o seu próprio, quando, por verem-se superiores aos demais, tomam a liberdade de viver como lhes dá na veneta; por mais que pensem agradar ao mundo, imitando seus modos, manifestando um ar de vaidade que os confunde com os próprios mundanos, só podem conseguir que o mundo os abomine e que Deus os aborreça. Um sacerdote exemplar não pode deixar de ser amado de Deus e dos homens: estes fazem justiça ao mérito da virtude, ainda quando está em contradição com seus relaxamentos e costumes; mas não podem suportar com paciência que se pareçam com eles os que fizeram profissão de não imitá-los.

Evangelho (São Valério)

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. 16 O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. 17 Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. 18 Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. 19 E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. 20 E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. 21 Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. 22 Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. 23 Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação (São Valério)

Sobre a esmola

Primeiro ponto

Considera que não há remédio mais seguro para nossa santificação e para nossa justificação, se somos pecadores, que o que nos oferece Deus na esmola. És justo e queres aumentar a santidade? Pois é excelente meio a esmola; porque todas as tuas obras são tanto mais agradáveis ao Senhor quanto nascem de uma maior santidade; e deve-se convir em que aquelas obras em que damos a Deus maior honra e glória são também as mais próprias para santificar-nos. Que é, pois, o que fazes quando socorres teu irmão necessitado? Reconheces do modo mais solene o soberano domínio de teu Deus; e a obediência que nisto protestas a sua suprema autoridade eleva infinitamente o preço da esmola. Este Deus santo manda-te distribuir teus bens com aqueles a quem a Providência quis privar deles. São tão terminantes suas ordens neste ponto que não admitem réplica nem interpretação. Quer dês esmola por tua natural inclinação, quer tenhas de vencer para isso tua cobiça, dás todavia a Deus as provas mais sensíveis de submissão e de respeito; porque ou sacrificas a Deus tuas paixões e interesses, ou então fazes um santo hábito de respeitar suas intenções e desígnios e ofereces nisso ao Senhor um devido sacrifício de louvor. Persuadido de que Deus é o árbitro supremo de todos os bens que de sua mão recebeste, de que só seu poder e vontade é o que fecunda ou esteriliza os campos, reconheces-o como primeiro proprietário de teus bens. Olhas então o pobre como um substituto de Deus para a cobrança do tributo que lhe deves e olhas a ti mesmo como dispensador daqueles bens que a Providência pôs a teu cuidado, testemunhando juntamente tua própria indigência aos olhos de teu Deus: e este obséquio é tanto mais grato e sincero quanto é menos violento e mais conforme ao desígnio de Deus em enriquecer-te.

Porque que outro fim pôde propor-se a eterna sabedoria em encher uns de bens, deixando outros submersos na miséria e confundidos com o pó da terra? Nenhum outro que o que diz o apóstolo; a saber, que a abundância do rico supra a indigência do pobre. Assim se conserva no mundo aquela mútua dependência que faz que o rico necessite dos trabalhos do pobre e o pobre ache de que subsistir nos socorros do rico. Esta mesma desigualdade é a que conserva a ordem, a subordinação e a dependência que a cada um corresponde; admirável disposição certamente da divina Providência, cuja equidade e sabedoria faz ver o rico caritativo.

Blasfema um ímpio da Providência e atribui ao capricho da fortuna a desigualdade que se observa na repartição dos bens da terra. Onde está, diz, o Deus destes homens abandonados e infelizes? Se o mesmo Deus é quem criou o pobre e o poderoso, por que esta acepção de pessoas? Se ele é e se chama Pai dos pobres, por que os deixa combater contra sua má fortuna? O próprio pobre maldiz também a mão divina que o formou; esquece-se do Deus que o sustenta e o faz autor dos males que o oprimem. Mas dá-me um rico caritativo, e este fará convir ao ímpio em que há um Deus que cuida das necessidades dos que o invocam, um Deus rico em misericórdias para todos os que se chamam seus filhos. Um rico esmoler justificará a providência no espírito dos pobres muito melhor do que o poderiam fazer os mais sólidos raciocínios.

Nada farás exortando um pobre à confiança naquele Deus que não se esquece das aves do campo; em vão lhe pregarás que se conforme com as disposições divinas; todos os teus discursos não farão impressão em sua alma grosseira enquanto se vê morrer no seio da necessidade e da indigência. Mas quando um novo Elias multiplica o pão dessa viúva desamparada, quando o pobre vê que, sem pensá-lo, se acha socorrido, então essa inopinada esmola triunfa de sua pouca fé; então tuas exortações acham nele um coração dócil e bem disposto, e vê-se obrigado a confiar

naquele Senhor que o socorre. De maneira que, com só esta esmola, podes remediar muitas necessidades. Mas pensam assim esses ricos indolentes, a quem nada basta para satisfazer suas paixões e que nada têm mais esquecido que a miséria dos pobres?

Segundo ponto

Considera que, apesar das terríveis maldições com que Jesus Cristo nos fez tão temíveis as riquezas, convertem-se em fontes inesgotáveis de graça e de bênção para o rico que sabe fazer delas o uso que lhes corresponde. As riquezas podem livrar-te dos escolhos em que costuma naufragar a salvação dos poderosos. A irreligião, a indolência, o ócio, a moleza, a soberba e a cobiça, vícios tão ordinários e quase naturalizados com as riquezas, já não acham lugar no coração do rico misericordioso. Aquela iniquidade universal que sai do seio das riquezas torna-se para o rico um meio seguro de felicidade; porque, como diz Deus, tudo se faz puro e santo para quem der liberalmente seus bens aos pobres. A caridade, que é a que dá mérito a todas as virtudes, eleva infinitamente o preço da esmola e cobre assim a multidão dos pecados; pois como poderá Deus negar sua misericórdia a quem vê sensível às misérias de seus semelhantes? Ainda quando tivesse armado contra ti o raio de sua ira para perder-te, arrancar-se-lhe-ia das mãos a misericórdia que exercitas com o pobre.

Se advertires também que o pobre a quem socorres é irmão teu, remido com o mesmo sangue do Cordeiro imaculado, unido com a mesma fé e esperança, filho da mesma Igreja e coerdeiro da mesma glória, acharás outros tantos motivos de piedade para compadecer-te de sua desgraça. Mas mais que tudo isso deve determinar-te a consideração de que não é precisamente um homem a quem socorres; este poderia ser-te ingrato e pagar-te com injúrias o benefício que lhe fazes: é o próprio Jesus Cristo quem dá por recebida em sua pessoa a esmola que dás ao pobre necessitado. E poderás duvidar de sua bondade ou de sua liberalidade para premiar-te o bem que lhe fazes na pessoa de seus membros indigentes?

Um copo de água que dês ao pobre é o mesmo que se o desses ao próprio Jesus Cristo que viesse pedir-to em pessoa. Esta é uma verdade de fé tão certa como qualquer dos artigos de crença de nossa religião; mas, se se cresse como é devido, ver-se-iam tantos pobres e extremamente necessitados entre os cristãos? Haveria um cristão, por duro e cruel que fosse, que se atrevesse a negar uma esmola ao próprio Jesus Cristo se lha pedisse? Não é crível. Contudo, perece de fome o próprio Jesus Cristo na pessoa de seus pobres.

Ainda quando não te mova teu próprio interesse na esmola, deve mover-te a consideração dos muitos bens que podes causar e dos males que podes evitar com ela em teus irmãos. Talvez mantenhas na devida submissão um homem que, cansado de arrastar as tristes cadeias de seu infortúnio, estava já a pique de acabar a vida no mais horroroso desespero. Talvez conserves na inocência uma castidade vacilante que, não podendo resistir aos duros golpes da fome, reunidos muitas vezes com as mais vivas e importunas solicitações, sente ao mesmo tempo o rigor da miséria e o risco da honra e da consciência. Conta, se podes, neste caso os pecados que evitarias com uma só esmola! Consolas talvez uns miseráveis que, sob o peso dos males que os oprimem, não sabem se devem chorar mais a privação dos bens de fortuna ou a conservação de sua vida

moribunda; uns miseráveis que, unidos pelos vínculos mais estreitos do sangue a outros tão infelizes como eles, acrescentam à dor de seu próprio tormento a de ver padecer aqueles que mais amam. Por curtas que sejam tuas esmolas, sustentas a confiança do pobre, enxugas suas lágrimas e derramas em seu peito uma felicidade que o anima e o fortalece.

Ó grande Deus, e quão a pouco custo e facílimo me fizestes o meio de salvar-me! É vosso sem disputa tudo o que tenho, e me premiais como se fizesse uma grande coisa quando vos devolvo o que de vós recebi. Agora quisera eu ter riquezas imensas para pô-las a render em vossos pobres. Dai-me, meu Deus, esta santa cobiça e afastai de mim a que é origem de todos os meus delitos.

Jaculatórias (São Valério)

> *Jucundus homo qui miseretur et commodat.* Sl 111.

Quão agradável a Deus é quem tem misericórdia dos pobres!

> *Beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur.* Mt 5.

Bem-aventurados os misericordiosos com os pobres, porque Deus também terá misericórdia deles.

Propósitos (São Valério)

1. Quando por um erro tão prejudicial como grosseiro chegares a persuadir-te de que só deves dar esmola do que te seja absolutamente supérfluo, acabaste de uma vez com esta obrigação indispensável. Será preciso então que a recebas tu e a peças ao pobre mais necessitado. Serão tantas e tão urgentes as necessidades que te ocorram para dizer que nada te sobra que só sua enumeração poderá mover à lástima; e não haverá mendigo que possa contar outras tantas. Julgarás necessário manter um luxo ruinoso, para não desdizer de teus iguais, ou excedê-los, se o permitem tuas rendas. Terás por necessário aventurar à sorte num jogo grossas somas com que poderiam subsistir muitas famílias; terás por indispensável adornar e enriquecer esses ídolos do deleite que merecem tuas adorações, e este é um fogo que nunca diz: basta. Será necessário sujeitar-te ao capricho da moda e pagar a preço exorbitante uma bagatela que de nada te serve e talvez te incomoda; e acharás um só pobre que exagere tanto suas necessidades? Não tem limites a cobiça; e se o mundo todo se empenhasse em enriquecer-te, nunca te sobraria coisa alguma para o pobre. A dureza dos ricos e suas loucas profusões são as que multiplicam os pobres no povo; e, embora muitas vezes a Providência se compraza em encher de bens os pobres e privar deles os ricos, ninguém pensa que isto haja de passar por ele: põem sua confiança nos tesouros, e

esta é tanto maior quanto estes se aumentam cada dia com o que se usurpa ao necessitado.

2. Não deixes de fazer a esmola que puderes, segundo teu estado e condição; e, para que tenhas uma regra segura que te ensine como deves portar-te com o pobre, põe-te no lugar dele e olha como quererias tu ser tratado pelo rico. Assim verás facilmente quantos meios te fornece esta só diligência para o socorro dos pobres. Se eu fosse pobre, não necessitava de tantos pratos em minha mesa; poderia passar muito bem e sem indecência em meu trato, sem estes móveis que comprei só por seguir a moda. Quantas coisas tenho em minha casa que são de puro luxo, de nenhuma utilidade, e que, se se quebram ou se rompem, me causam um grave sentimento? E não estaria melhor empregado tudo isto nas mãos dos pobres? Não teria eu a doce satisfação de os haver socorrido e de me haver poupado um desgosto que será muito maior que o simples prazer de possuí-lo? Que utilidade me traz, por exemplo, este grandioso espelho que me custou tantos dobrões e que por um leve acaso pode fazer-se em mil pedaços? Não me seria melhor haver empregado seu importe em remediar alguns pobres que hoje e sempre rogariam a Deus por mim, e teria eu o consolo de haver feito uma ação tão meritória e de que jamais devesse arrepender-me? Pensarei do mesmo modo na hora de minha morte, quando houver de deixar à força todas as minhas riquezas?

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:17 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:18 by Admin